

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Jefferson Grochovski Ferreira

Micropolítica: práxis performativa entre cuidado, arte e erotismo

Mestrado em Psicologia Clínica

São Paulo

2024

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC–SP

Jefferson Grochovski Ferreira

Micropolítica: práxis performativa entre cuidado, arte e erotismo

Mestrado em Psicologia Clínica

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação da Profa. Dra. Denise Bernuzzi de Sant'Anna.

São Paulo
2024



Banca Examinadora:

Profa. Dra. Denise Bernuzzi de
Sant'Anna (Orientadora)

Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo (PUC-SP)

Prof. Dr. João Perci Schiavon

Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo (PUC-SP)

Prof. Dr. Leandro Colling

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

*Dedico este trabalho às subjetividades
que emergem como resistências a este
sistema.*

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), durante o período entre julho de 2023 e dezembro de 2023, nº do processo: 88887.895577/2023-00, e da Fundação São Paulo (FUNDASP), entre janeiro de 2022 e junho de 2023.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001 – 88887.895577/2023-00, during the period from July 2023 to December 2023, and the São Paulo Foundation (FUNDASP), between January 2022 and June 2023.

Pensar é sempre experimentar, não interpretar, mas experimentar, e a experimentação é sempre atual, o nascente, o novo, o que está em vias de se fazer.

Gilles Deleuze

Nessa terra se instalou um modo adoecido, um amplo repertório de formas de desencanto, que hoje nos fazem acreditar que esse simulacro que nos é destinado é um modo “normal” de vida.

Luiz Rufino e Luiz Antonio Simas

RESUMO

FERREIRA, Jefferson Grochovski. **Micropolítica:** práxis performativa entre cuidado, arte e erotismo. 2024. 75 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

Este trabalho se faz a partir de uma prática cartográfica de minha experiência entre o cuidado, a arte e o erotismo, com a produção de *pornografia desviante*, juntamente com o coletivo *EdiyPorn*, do qual faço parte. Abordando as questões vivenciadas nos campos da arte, do erotismo, e das práticas de cuidado, é que se busca produzir brechas para outros modos de se pensar e produzir experiências. Desde uma perspectiva micropolítica de subjetividades dissidentes à norma, esta escrita se atenta às reverberações que essas vivências produzem na sociedade normativa. Portanto, mostrou-se importante articular as relações entre os campos abordados, que são independentes, e que se potencializam quando estão em relação. Para isso, busca-se criar, a partir desses encontros, um campo comum, em que seja possível articular pornografia desviante, arte e cuidado, e fazer desse território um ato de criação.

Palavras-chave: cuidado; arte; erotismo; pornô desviante; esquizoanálise.

ABSTRACT

FERREIRA, Jefferson Grochowski. **Micropolitics**: performative praxis between care, art and eroticism. 2024. 75 p. Dissertation (Masters in Clinical Psychology) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2024.

This work is based on a cartographic practice of my experience between care, art and eroticism, with the production of *deviant pornography*, together with the *EdiyPorn* collective, of which I am part. Addressing issues experienced in the fields of art, eroticism, and care practices seeking to create openings for other ways of thinking and producing experiences. From a micropolitical perspective of deviant subjectivities, this writing looks out to the reverberations that these experiences produce in normative society. Therefore, it proved important to articulate the relation between the fields covered, which are independent, and which are potentialized when they are in relation. To this end, we seek to create, from these meetings, a common field, in which it is possible to articulate deviant pornography, art and care, and make this territory an act of creation.

Keywords: care; art; eroticism; deviant pornography; squizoanalysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Equipe envolvida no filme <i>Tupinikuirs</i> (2016)	13
Figura 2 – Em Itakupe com Caçula (mascote da comunidade)	15
Figura 3 – Bia Pankararu e Simone Pankararu: filha pintando a mãe	19
Figura 4 – Dança-ritual: Toré na Aldeia Multiétnica Filhos dessa Terra	20
Figura 5 – Annie Sprinkle - Post-Post Porn Modernist: Public Cervix Announcement	27
Figura 6 – Imagem “Manifesto Contrassexual” (Preciado, 2014)	29
Figura 7 – Movimento de Arte Pornô (Performance “Intervenção”, Praia de Ipanema, 1982)	30
Figura 8 – Roberta Close (ensaio Revista Playboy)	31
Figura 9 – Coletivo Coiote - Marcha das Vadias (2013)	33
Figura 10 – Coletivo Coiote - Xereca Satanik (2013)	35
Figura 11 – Tuíte de Jair Bolsonaro em 5/3/2019	38
Figura 12 – Matéria no portal G1 (2019)	39
Figura 13 – Frame do filme <i>Entre peles</i> (2021)	50
Figura 14 – Frame do filme <i>Árida</i> (2020)	52
Figura 15 – Performance Desvio Coletivo (2016)	66

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1: PARADIGMA DA SENSIBILIDADE	18
1.1 O PARADIGMA ESTÉTICO	18
1.2 REAPROPRIAÇÃO SUBJETIVA	21
1.3 AUTOPOIESE E CONTRAFICÇÃO: ÉTICA FRONTEIRIÇA	23
CAPÍTULO 2: PORNOGRAFIA E TRANSVERSALIDADE	26
2.1 REVOLTA SOCIAL-ESTÉTICA: DESEJO E INSURGÊNCIA	26
2.1.1 <i>Movimento-norte</i>	26
2.1.2 <i>Desnortear</i>	29
2.2 GOLDEN SHOWER E O PORNÔ DESVIANTE: DA MICRO À MACROPOLÍTICA	36
CAPÍTULO 3: USO DOS PRAZERES COMO FERRAMENTA POLÍTICA	41
3.1 FETICHISMO E SUBVERSÃO	42
3.1.1 <i>BDSM</i>	44
3.2 DO PÓS-PORNÔ AO PORNÔ DESVIANTE: CONSTRUINDO UMA ÉTICA	45
3.2.1 <i>Notas sobre a EdiyPorn</i>	46
CAPÍTULO 4: POLÍTICAS E PRÁTICAS DE CUIDADO À SERVIÇO DA VIDA	54
4.1 POLÍTICAS DE REDUÇÃO DE DANOS APLICADA À VIDA	54
4.2 DESMORALIZAÇÃO DO CUIDADO	56
4.3 BIOPOLÍTICA TECNOSEXUAL	59
4.4 TECNOSEXUALIDADEMOLECULAR	63
REVERBERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71
REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS	75

“eu que já não suporto as palavras que não digo
agora vou precisar inventá-las e usar delas”¹

INTRODUÇÃO

Partindo da experiência entre a clínica, a arte e o erotismo, venho trabalhando para pensar o fomento da pornografia e de uma clínica terapêutica que sejam dispositivos políticos de subjetivação e de modos de existência para sujeitos dissidentes à norma. A busca por descentralizar modos dominantes é o que movimenta o processo por viabilizar condições de criação desejante – na arte, pela elaboração de uma *pornografia desviante*; e na clínica, com a orientação esquizoanalítica. A partir de um interesse em estabelecer relações performativas entre arte, erotismo e subjetividade, lanço-me ao desafio narrativo de me desdobrar na pesquisa acadêmica em psicologia clínica, compondo com os estudos e práticas no campo da arte, e tecendo relações entre as áreas, que são independentes e, também, complementares.

Durante a graduação em Artes comecei a trabalhar com audiovisual e performance. Na época era estudante do curso de Cinema e Vídeo, na Faculdade de Artes do Paraná, em Curitiba. Estava em ressonância com o que vinha sendo produzido em teoria *queer*-kuir² e na pós-pornografia, no Brasil e no exterior. De forma independente, realizei minhas primeiras produções artísticas com alguns coletivos e artistas locais, que me chamavam a atenção pela crítica ao conservadorismo, transgredindo padrões comportamentais e expressões sexuais e de gênero. Entre os coletivos, trabalhei com a Batalha Histórica de Levante (performance), as Horrorosas Desprezíveis (música e performance), com artistas da Selvática (coletividade artística), e no grupo Impedância (performance e tecnologia).

Produzir intervenções no modo como as coisas costumavam acontecer no cenário artístico local era o que nos movia em nossas proposições estéticas. Para

¹ Memória registrada em meu diário dos sonhos em 23 de maio de 2021.

² Atualização do *queer* norte-americano para dissidência sexual e de gênero em contexto latino-americano.

concluir a graduação no curso de Cinema, convidei diversxs³ artistas locais para compor o filme *Tupinikuirs*⁴ (2016). O curta-metragem experimental é uma cartografia dos afectos⁵, e um ritual de encerramento de ciclo na Faculdade de Artes, onde me graduei. O curta foi pensado, produzido e realizado pela potência afetiva vivida na cidade, e apresenta performances de processos de transição de gênero, mudanças corporais, práticas sexuais “não convencionais”, etc. vivenciados no contexto de uma festa-filme.

Figura 1 – Equipe envolvida no filme *Tupinikuirs* (2016)



Fonte: Acervo pessoal.

Após a conclusão da graduação, no primeiro semestre de 2017, passei alguns meses vivendo uma vida nômade e improvisada, guiada pelo aproveitamento das oportunidades e pela busca dos próximos movimentos. Durante o nomadismo, passei uma temporada entre o fim de 2017 e início de 2018 na Ecovila Dom José, na área rural de Alpestre, município do interior do Rio Grande

³ Neste trabalho, optei pela utilização do “x” enquanto alternativa para não demarcar gêneros, no sentido de não usá-los como categorias identitárias.

⁴ *Tupinikuirs* (2016). Disponível em: https://www.ediyporn.com/posts_diversos/tupinikuirs/. Acesso em: 11 jan. 2024.

⁵ SPINOZA, B. *Ética*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

do Sul. Lá, pude experienciar vivências de bioconstrução, permacultura, e dinâmicas de vida distintas da vida que estava acostumado a viver, residindo, até então, em contexto urbano e passado os últimos anos em uma grande cidade.

Residir na comunidade rural foi uma vivência de desintoxicação social, ambiental, mental e de abertura para outras possibilidades de modos de vida. Modos mais primitivos, porém, em sintonia com a tecnologia, já que além de por a mão na massa (literalmente), e de tomar banhos no rio Uruguai, tínhamos acesso à eletricidade, e à internet (não onde morei, mas na proximidade). Foi uma importante experiência de vida, na coletividade e na contramão dos modos de vida individualizantes e competitivos, vividos hegemonicamente nos centros urbanos.

Tomado pelo desejo, mais uma vez me lanço ao desafio de viajar com pouco dinheiro, dessa vez para uma floresta habitada por indígenas na maior cidade da América Latina. Empolgado pela experiência rural, segui minha intuição até uma vivência em um acampamento guarani, na região do Jaraguá, na capital São Paulo. Me recorde de ter tido acesso ao evento através de uma divulgação no *Facebook*, em janeiro de 2018. Os guarani da *tekoa* (aldeia) Itakupe estavam propondo uma vivência de comunhão entre indígenas e *juruás* (não-indígenas).

No terminal rodoviário de São Paulo encontrei Mariana e a Duda, amigas que viviam em Curitiba e também viajaram para participar da vivência na aldeia. Via transporte coletivo, cruzamos parte da cidade até próximo à reserva indígena. Lembro-me da sensação de encantamento ao adentrar à floresta no território guarani. Lembro também do Pedro Macena embaixo de uma árvore, fumando seu *petyngué* (cachimbo guarani); ele nos recebeu na aldeia na manhã de 9 de fevereiro de 2018, uma sexta-feira de carnaval e início da vivência.

Em poucos minutos de conversa, apresentamo-nos e descobrimos que Pedro é o *xeramoí* (liderança espiritual), conselheiro da comunidade. Durante a conversa, uma pessoa da comunidade nos anunciou que estavam terminando de preparar o café da manhã, com peixe e *txipá* (bolinho guarani). Pedro, fumando seu *petyngué*, a ela respondeu: “esses três não comem carne”. Surpreendendo-nos, pois não havíamos conversado sobre nossa alimentação: vegana e vegetariana. Isso instaurou o início da partilha com os guarani, na *tekoa Itakupe*, abrindo uma vivência repleta de encantamento, durante o carnaval daquele ano.

Figura 2 – Em Itakupe com Caçula (mascote da comunidade)



Fonte: Acervo pessoal.

No fim do acampamento, encantado pelas transformações em minha subjetividade, produzidas no encontro entre os guarani e *juruás*, decidi aproveitar a passagem por São Paulo para encontrar a artista Bruna Kury, amiga querida que cultivava há alguns anos, que é referência na produção artística e na pós-pornografia e integrante do Coletivo Coiote⁶. Nosso último encontro ocorreu em 2015, durante o Seminário Internacional Desfazendo Gênero⁷, na cidade de Salvador (BA), evento que concentrara centenas de ativistas, artistas e pesquisadorxs sexo-gênero dissidentes em suas multiplicidades. À época em São Paulo, Bruna me apresentou Paulx Castello, artista recém-chegada no Brasil após ter vivido os últimos anos em Buenos Aires, onde se dedicou à produção de pós-pornografia, performance e audiovisual. Em meio a esses encontros, me

⁶ Coletividade artística da qual falei no Capítulo 2: Pornografia e Transversalidade.

⁷ Evento acadêmico voltado à produção e ao ativismo *queer*-kuir.

(re)conecto com a potência insurgente da arte e da coletividade indígena e kuir. Agora, no centro caótico da capital paulistana, percebendo aqui um território possível para criação de coletividades dissidentes e de insurgências no modo de vida e na arte.

Em São Paulo, em meio à dificuldade financeira e à precariedade de trabalhos temporários que me permitiram sobreviver na cidade, dediquei parte de meu tempo e energia aos estudos e práticas do corpo, em coletividades diversas, e a pensar-produzir performance e audiovisual. Em 1º janeiro de 2019, após intensa parceria, confabulações e produções estéticas atravessadas pela pós-pornografia, Paulx Castello propõe que canalizemos nossas potências em uma coletividade artística-profissional. Encantado com a proposta, aceito imediatamente. Expandimos as confabulações em nossa rede próxima, e fundamos a *EdiyPorn – pornô desviante*⁸, uma coletividade artística e produtora audiovisual inspirada nos ativismos kuir e de pós-pornografia. Ativada pelo desejo de produzir pornografias sexo, gênero e esteticamente desviantes ao *mainstream*, da indústria pornográfica hegemônica⁹.

Quando falo de um regime dominante, falo da doutrina que tem a colonialidade, o patriarcado e o racismo enquanto pilares de sua operação na produção da subjetividade e conduta social, sob o regime colonial-capitalista¹⁰. Movido, então, pelos encontros com modos de vida e de criação de sujeitos dissidentes a esse regime, sujeitos esses que estão habitualmente condicionados às margens sociais, falo da experiência incorporada a partir desse lugar de marginal.

Preocupo-me com a criação de territórios existenciais possíveis para fomento de experimentações éticas, estéticas e politicamente orientadas na contramão da norma, moralmente baseada em saberes cientificistas. Procuro articular uma práxis erótica, entre a arte e a clínica, como explicarei adiante, fazendo dessa reflexão um motor ético e processual de criação de territórios

⁸ Disponível em: www.ediyporn.com. Acesso em: 11 jan. 2024.

⁹ Dos dez maiores sites pornográficos, oito pertencem à mesma empresa: MindGeek.

¹⁰ ROLNIK, S. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

existenciais propícios para que existências dissidentes às formas de dominação possam se criar.

O que me fascina e me impulsiona nessa jornada tem a ver com o encantamento e a performatividade de modos de vida, em constante reinvenção; entre a clínica, a arte e o erotismo, produzindo formas de resistir à dominação de suas existências, movidxs não pela manutenção da lógica dominante vigente, mas sim pela sustentação da uma vida ética e de elaboração estética, na contramão do regime dominante e da neurose estrutural¹¹, instituída e introjetada nos modos de viver, inclusive de conceber a clínica terapêutica, a arte e o erotismo.

¹¹ *Ibid.*

CAPÍTULO 1: PARADIGMA DA SENSIBILIDADE

1.1 O PARADIGMA ESTÉTICO

Em 1992, Félix Guattari apresentou o paradigma estético¹² como uma alternativa ao paradigma científico, que rege o universo capitalista. O paradigma estético guia a criação e a produção de modos de vida sensíveis, produz uma linha de fuga ao modo de vida baseado no cientificismo retórico-neurótico-burocrático, dominante na sociedade capitalista. Surge, assim, como modo possível de resistência a esse universo. A implicação do paradigma estético, nesse sentido, seria aplicada na clínica, na arte, e nos demais agenciamentos sociais produtores de subjetividade.

No ocidente, a arte foi instaurada enquanto produto que se constituiu de modo conivente a esse modelo hegemônico de criação, orientado pelo regime colonial-capitalista, visando ser comercializável. Diferentemente ocorreu nas sociedades indígenas, nas quais o processo de criação e subjetivação acontece “na dança, música, na elaboração de formas plásticas e de signos no corpo, nos objetos, no chão”¹³, na caça, no preparo dos alimentos, etc., se aproximam mais de um paradigma estético, como formulado por Guattari. Sabendo que nas culturas ancestrais ao capitalismo essas práticas-rituais estavam ligadas pela espiritualidade, pela grupalidade, pelos agenciamentos coletivos e pelo território, Guattari chega a afirmar que o paradigma estético é, na verdade, protoestético, é originário e de criação em estado nascente, diferenciado, portanto, da arte instituída, realizada desde a condição de mercadoria. Aponto, com isso, a importância de um resgate à ancestralidade para criar de um modo não capturado pela mercadoria.

¹² GUATTARI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992.

¹³ *Ibid.*, p. 127.

Figura 3 – Bia Pankararu e Simone Pankararu: filha pintando a mãe



Fonte: Filme *Toré* (2022), LABMais Imagens Indígenas.

Assim como a arte, tenho pensado o cuidado no ocidente como um produto, entendendo o cuidado aqui como práticas terapêuticas, que também são produzidas e ofertadas via comercialização. Nas sociedades indígenas, isso que chamamos, ocidentalmente, de cuidado e de arte, acontecem de modo híbrido, como parte de um ritual coletivo, em agenciamento com o território, produzindo signos e acessos a universos sensíveis. Sobre alianças afetivas¹⁴, Ailton Krenak propõe afetos entre mundos não iguais. Ao contrário da busca por semelhanças e adequação, busca pela composição na diferença. Não sem motivos, para os indígenas, humano não só é animal, como é natureza e parte do cosmos; recusando a noção de indivíduo, própria da sociedade capitalista. Lembro-me de uma vivência que experienciei na aldeia *Multiétnica Filhos dessa Terra*, em Guarulhos (SP), que se deu inicialmente a trabalho, no contexto de uma oficina de produção audiovisual¹⁵ realizada com a juventude da aldeia. Para essa comunidade, que é formada por indígenas de diversas etnias, vindas da região

¹⁴ KRENAK, A. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

¹⁵ *Laboratório de Imagens Indígenas* (2022): oficina audiovisual promovida pelo SESC Guarulhos, à qual fui produtor. Disponível em: <https://bit.ly/LabMais-ImagensIndigenas>. Acesso em: 11 jan. 2024.

nordeste do país, sempre que alguém da comunidade age visando pelo próprio benefício individual, os indígenas costumam afirmar que essa indígena está se comportando como *juruá* (não-indígena): característica dominante na sociedade capitalista.

Figura 4 – Dança-ritual: Toré na Aldeia Multiétnica Filhos dessa Terra



Fonte: Filme *Toré* (2022), LABMais Imagens Indígenas.

Venho entendendo que a busca pela criação “em estado nascente”¹⁶ não se trata da eterna busca por resultados com um objetivo final, nem de se submeter a um método para a demonstração de resultados e produtos, mas sim de um processo involutivo. Nisso, as sociedades não-ocidentalizadas, os movimentos sociais insurgentes (étnicos, raciais e LGBTI+), práticas sexuais contranormativas e as singularidades cognitivas¹⁷, estão melhor preparados do que as subjetividades brancas, cisgêneras, heterossexuais e neurotípicas para compor com a multivalência da produção de subjetividade.

¹⁶ Termo utilizado por Félix Guattari em **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

¹⁷ Performatividades neurodiversas.

Portanto, o paradigma estético pode ser entendido enquanto uma contra produção em relação aos domínios do capitalismo. Sendo o resgate e a preservação de modos de vida ancestrais, um movimento necessário não só de preservação, como de produção de vida sensível¹⁸. Assim como a promoção de cuidados para que sujeitos dissidentes às convenções de performatividades cis, heterossexuais, da branquitude e de cognição neurotípica, possam existir e se expressar, para além do cumprimento de normas e condutas sociais hegemônicas e determinadas.

1.2 REAPROPRIAÇÃO SUBJETIVA

A subjetividade é a sensibilidade, as relações sociais, uma abordagem prática da relação com o outro.¹⁹

Durante uma entrevista²⁰ em 1991, Guattari considera pertinente uma reapropriação das mídias, não só pela fabricação de informações, mas também pela recomposição dos sistemas de informações, uma reconquista estética da produção de imagens e linguagem pela valorização da sensibilidade. Sendo esse um caminho possível pela redefinição de padrões e para a criação de alternativas à manipulação midiática-subjetiva, que vem causando uma espécie de “robotização de indivíduos”.

O autor nos convoca a habitar práticas sociais de toda natureza. Fazendo entender que precisamos nos organizar e trabalhar para reinventar uma capacidade de autoafirmação e de expressão; em coletividade, para desarmar armadilhas sistêmicas em constante reinvenção, postas pelos poderes dominantes. Portanto, afirmar nossas singularidades, compor com as diferenças e vivenciar a heterogênesse nas práticas sociais é parte fundamental nesse movimento.

¹⁸ COCCIA, E. **A vida sensível**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2010.

¹⁹ FÉLIX GUATTARI: A ERA PÓS-MÍDIA. SUBJETIVIDADE E MASSMEDIA/MEIOS DE COMUNICAÇÃO (1991), 2023. 1 vídeo (14min3). Publicado pelo canal CLINICANDO - PSICANÁLISE E ESQUIZOANÁLISE no YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/h5R84HAZwEY>. Acesso em: 11 jan. 2024.

²⁰ *Ibid.*

Em *As três ecologias*²¹, Guattari anuncia a necessidade de uma retomada ecosófica como rearticulação ecológica, relacional entre meio ambiente, relações sociais e subjetividade humana (social, ambiental e mental), num movimento transversal entre essas práticas individuais-coletivas-sociais, em agenciamento com o território, para combater as violências estruturais postas pelo que define por Capitalismo Mundial Integrado (CMI).

Penso nesse movimento de retomada ecosófica quando me encontro nas trocas com indígenas, com quem aprendo experiências muito vivas de resistência à dominação, e formas de criação para a continuidade de suas existências. Para Krenak²², a perspectiva dos povos indígenas, com seu jeito de observar, pensar e agir, “poderia abrir uma fresta de entendimento nesse entorno que é o mundo do conhecimento”²³. E assim frear a invasão e a destruição dos brancos sobre a floresta e suas existências. O autor chega a afirmar que desde sua juventude tem na experiência, “o sentido do sonho como instituição que prepara as pessoas para se relacionarem com o cotidiano”²⁴, sendo a partilha dos sonhos uma prática comum entre indígenas.

O movimento indígena, assim como movimentos LGBTI+, mostram-se intransigentes ao regime colonial-capitalista, e vem reinventando sua existência e formas de expressão nessa luta. Entre outras alianças já mencionadas, como sujeitos dissidentes e contra-operantes aos modos instituídos de sujeição às normas sociais dominantes no capitalismo.

Trago essas trocas e aprendizados entre sujeitos desviantes ao regime dominante, pois é o que me impulsiona a friccionar a performatividade capitalista e as instituições de saber-poder²⁵ com suas práticas científicas e de manutenção da norma. Trabalho com um tema sensível aos poderes instituídos, sensível sobretudo à moral instituída, que é a pornografia. Assunto que ainda é tabu em muitos espaços, como a universidade e a mídia, portanto, faço deste espaço de

²¹ GUATTARI, F. **As três ecologias**. 21ª ed. Campinas: Papirus, 2012.

²² KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

²³ *Ibid.*, pp. 35-36.

²⁴ *Ibid.*, p. 36.

²⁵ FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2014.

pesquisa um espaço também de resistência, em que falar desse tema já desloca a ordem instituída. Pois, ao me abster do silenciamento de minha experiência de vida, usando-a como material de pesquisa, desloco o tabu da pornografia de seu lugar de abjeção e trago-o para perto de quem lê, do mesmo modo que, ao escrever sobre esse tema, trago-o para mais perto de mim.

1.3 AUTOPOIESE E CONTRAFICÇÃO: ÉTICA FRONTEIRIÇA

Produzir uma contraficção não é produzir uma obra, muito menos um manual. É manter-me viva no país que mais mata LGBTQIAP+ no mundo; produzir uma sobrevivência ativa em meio à ficção que mata constantemente a única coisa que nela é viva, a potência da produção de diferença.²⁶

Em *Transtornar-se enquanto ato clínico*²⁷, Maria Eduarda Parizan Checa produz uma análise de sua trajetória enquanto usuária e profissional na saúde psi. Como muitas crianças, jovens e adultos, ela relata uma série de violências sofridas por parte de agentes da psicologia e da psiquiatria. A autora trabalha a partir do seu histórico de violência institucional sofrida desde a infância por profissionais de uma saúde hegemônica à serviço da heterocisnorma e do farmacopoder²⁸: a medicalização da vida. Tal medicalização, nesse contexto, é operada por profissionais que não foram preparados para lidar com singularidades cognitivas para além do DSM²⁹, com questões raciais e com dissidências à heterocisnorma.

Checa produz uma cartografia contraficcional que conta com relatos de violências homofóbicas, transfóbicas e de “cura gay”, vivenciados enquanto cursava a faculdade de Psicologia. Discursos psicopatologizantes proferidos por

²⁶ CHECA, M. E. P. **Transtornar-se como ato clínico**: uma contraficção de gêneros e sexualidades dissidentes. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2021, p. 52. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/bitstream/handle/24076/1/Maria%20Eduarda%20Parizan%20Checa.pdf>. Acesso em 11 jan. 2024.

²⁷ *Ibid.*

²⁸ Termo utilizado por Paul B. Preciado no **Testo Junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

²⁹ DSM é a abreviação do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.

professores/as e reforçados por profissionais da psicologia, desimplicados com a sustentação de uma relação ética diante de expressões de sexualidades e gênero dissidentes à heterocisnorma. A autora conta que foi adoecida por uma somatória de violências e desconfortos que incluem a relação “terapêutica” com sua então psicóloga. Nessa relação “terapêutica”, a profissional que a atende propõe um tratamento para reversão de sua bissexualidade, ainda que tal tratamento fosse pela paciente indesejado. Tratava-se, portanto, de uma tentativa de “cura gay”³⁰, mesmo que nomeada de outra forma. Nesse caso, as palavras da profissional foram: “Essa sua bissexualidade, ela é facilmente reversível”. Intervenção essa que serviu de estopim para o término da relação “terapêutica”.

Pela necessidade de produzir formas de cuidado, a autora vem trabalhando com o conceito de *contraficcionalização* em sua produção: contraficcionalizar a norma da subjetividade dominante, torcendo a ficção produzida e reproduzida por profissionais da saúde, mais à serviço da psicopatologização da vida, do que ao cuidado das vidas, produzindo, em contrapartida, uma ficção outra, contra essa norma.

Em *Verter o transtorno contra si mesmo*³¹, Checa propõe o autodiagnóstico enquanto estratégia de transbordamento dos diagnósticos de transtornos mentais, dos tratamentos psicopatológicos e das violências por não corresponder à performatividade heterossexual. Partindo dessa premissa, embarco no movimento contraficcional de autoafirmação desde minha perspectiva e experiência na condição de vivente, paciente e terapeuta (psicanalista com orientação esquizoanalítica). Utilizo dessa noção, de contraficção, com o intuito de nomear minha experiência de inadequação em relação ao regime dominante de produção de subjetividade. Para isso, levo em conta a somatória de características cognitivo-performativas, sendo elas: a dislexia, o diagnóstico de transtorno de personalidade borderline (ou, como prefiro, fronteiroço), e o espectro autista. Somados ao tratamento medicamentoso, iniciado aos 18 anos, quando rebaixado pelo sofrimento psíquico, busquei por práticas integrativas no SUS. E, além da sessão

³⁰ Prática de reversão proibida pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) desde 1999, porém realizada em consultórios psi.

³¹ CHECA, M. E. P. “Verter o transtorno contra si mesmo”. In: **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, Dossiê Guattari, n. 2, pp. 45-64, 2022.

de acupuntura, saí de lá com dezenas de cartelas de comprimidos, de uma medicação psiquiátrica, para tratar o que a médica-acupunturista nomeou por depressão e bipolaridade, constatada por ela durante a sessão de acupuntura. Na época, ela considerou que o uso da medicação seria mais eficiente do que o tratamento de acupuntura (motivo que me levou até ela). Tal tratamento medicamentoso se deu sem acompanhamento, e durou cerca de um ano. Até que, por insatisfação com os efeitos colaterais, interrompi por conta própria, principalmente pela falta de emoções e de libido, efeitos colaterais comuns do medicamento.

Não utilizo tais diagnósticos para me definir, mas sim para compor uma somatória de singularidades cognitivas que orientam minha performatividade sexo-gênero dissidente e neurodiversa, produzindo uma ficção outra para a minha subjetividade.

CAPÍTULO 2: PORNOGRAFIA E TRANSVERSALIDADE

para pensar e produzir outras expressões de sexualidade, é necessário vivenciá-las de outras formas.

2.1 REVOLTA SOCIAL-ESTÉTICA: DESEJO E INSURGÊNCIA

2.1.1 *Movimento-norte*

A pós-pornografia surgiu em 1990³², nos Estados Unidos, quando a trabalhadora sexual e artista Annie Sprinkle se insurgiu contra as condições de trabalho e o machismo presente na indústria pornográfica na qual trabalhava. Sprinkle acionou a performance *Post-Post Porn Modernist: Public Cervix Announcement* numa casa noturna, vestindo lingerie e salto alto. Inclinação sobre uma cadeira, a artista abre as pernas e insere um espelho na vagina, convidando espectadores a conhecê-la internamente. Com essa ação, Sprinkle realiza uma crítica à representação do sexo, e a visibilidade produzida pela medicina e pela pornografia. Na performance, a artista fricciona arte, sexualidade e política, iniciando o movimento pós-pornô.

³² PRECIADO, P. **Testo junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica, São Paulo: n-1 edições, 2018, p. 288.

Figura 5 – Annie Sprinkle - Post-Post Porn Modernist: Public Cervix Announcement



Fonte: anniesprinkle.org

Tempos depois, nos anos 2000, a Espanha torna-se território inventivo para produções pós-pornográficas. Inspiradas no trabalho de Sprinkle, e com aporte dos estudos de gênero e sexualidade produzidos pelos estudos *queer*, o filme *Mi sexualidad es una creación artística*³³ (2011) apresenta um panorama artístico-político das produções pós-pornográficas efervescentes em território espanhol durante os anos 2000. O documentário, dirigido por Lucía Egaña Rojas, conta com entrevistas e intervenções de artistas-ativistas, como María Llopis, Diana J. Torres, Itziar Ziga, La quimera rosa, PostOp, entre outros.

O filme, do início dos anos 2010, apresenta uma cartografia dessas produções da década anterior, movidas pelo desejo de mexer nas estruturas e na manutenção da indústria pornográfica sobre os corpos e as condutas sexuais-sociais. Se a pornografia é feita para consumo privado, o pós-pornô acontece com frequência em espaços públicos, tensionando a micro e macropolítica através de

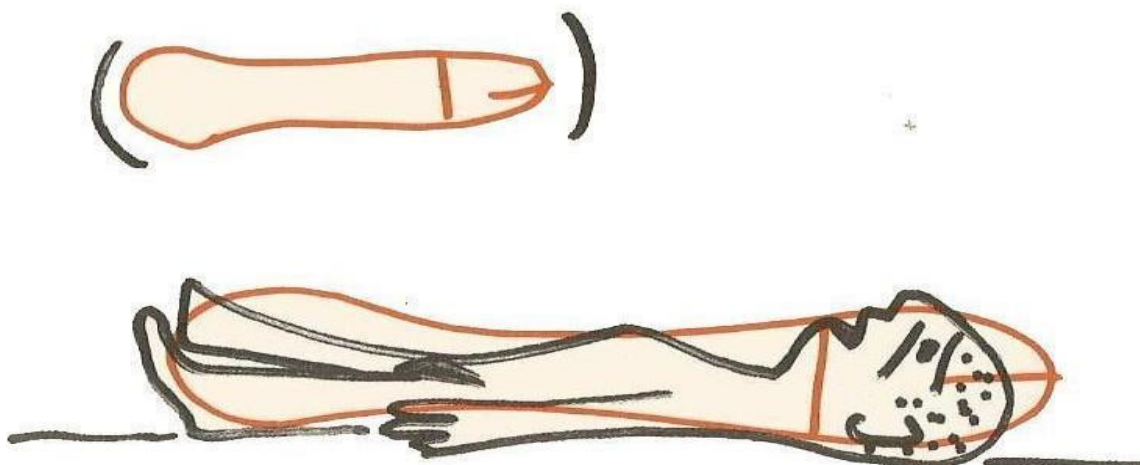
³³ *Mi sexualidad es una creación artística*, 2017. 1 vídeo (46min20). Anarquia Coroadá, **YouTube**. Disponível em: <https://youtu.be/rCqBvIHLvWs>. Acesso em: 11 jan. 2024.

intervenções em espaços ditos “não convencionais”, com o intuito de ampliar imaginários sexuais em todos os sentidos. Influenciado por movimentos sociais, e de estética contracultural, como *queer*-kuir e o movimento *punk*, cujo seu *slogan* é DIY (“*do it yourself*” / “faça você mesmo”), é uma máxima nessas produções. Essxs artistas e coletivos produziram desdobramentos em diversas linguagens e campos de conhecimento como arte, filosofia, sociologia, literatura, etc. além dos holofotes midiáticos, interessados na temática considerada polêmica, abordada pelxs artistas.

A *Muestra Marrana* foi um evento autogestionado e disparador do movimento pós-pornô na Europa e no mundo, voltado para o fomento da produção e difusão de expressões audiovisuais de performatividades de gênero e sexualidades subversivas. A mostra abriu espaço para o fortalecimento de redes dissidentes: desobedientes às normas sociais e de estéticas pré-estabelecidas na arte e na pornografia. Um importante interlocutor do movimento pós-pornô com a esfera institucional é o filósofo Paul B. Preciado, que além de se dedicar em arrastar os debates para universidades e museus, ficou conhecido com seu *Manifesto contrassexual*, publicado pela primeira vez na França em 2000. A edição com tradução brasileira foi publicada em 2014. Obra acerca das experimentações políticas no campo que define por *contrassexualidade*; que, na minha compreensão, trata-se de uma pesquisa-manual de tecnologias de modos de experimentações do corpo e da sexualidade, onde a consensualidade precisa ser de comum acordo entre xs praticantes, torcendo as convenções normativas do uso do corpo e dos prazeres³⁴.

³⁴ PRECIADO, P. B. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014.

Figura 6 – Imagem “Manifesto Contrassexual” (Preciado, 2014)



Fonte: PRECIADO, P. B. “O que é a contrassexualidade?”. Territórios de Filosofia, 5 mai. 2015.

Com essa imagem, Preciado nos convida a pensar o corpo inteiro como erógeno, deslocando do pênis sua função sexual e orgástica, por exemplo. Nesse livro, ainda, o autor tensiona o que se entende por prática sexual, consentimento, corpo, prazer, etc. Ele traz práticas que chama de “contrassexuais” para propor outros modos de experimentar o corpo, para além dos modos instituídos pela norma cis-hétero patriarcal.

2.1.2 Desnortear

Há tempos, temos exemplos no Brasil de produções insurgentes que friccionam sexualidade, arte e política. Antecessores ao considerado início da pós-pornografia, o coletivo MAP (Movimento de Arte Pornô 1982-1984) causou intervenções em espaços públicos, acionadas pelo agrupamento de corpos desnudos, performando *pornô-poemas* nas ruas, praias e praças do Rio de Janeiro durante a ditadura militar. Outro movimento que também penetrou as leis da censura impostas pela ditadura foi o cinematográfico, conhecido por *Pornochanchada*. Suas produções se concentravam na região da Boca do Lixo, no centro de São Paulo e polo dessas produções. O movimento foi influenciado pela

ascensão de produções pornográficas, pela chanchada³⁵, pelo cinema marginal, entre outros. E foi responsável pela relevância da produção e distribuição cinematográfica *no e do* Brasil, durante as décadas de 1970 e 1980.

Figura 7 – Movimento de Arte Pornô (Performance “Intervenção”, Praia de Ipanema, 1982)



Fonte: KAC, E. Movimento de Arte Pornô (Performance “Intervenção”, Praia de Ipanema, 1982) DVD da performance 4’43”, preto & branco, som, vídeo. Tropicuir, 2024.

O início da década de 1980 foi marcado pelo interesse do público consumidor e pela ampla difusão da imagem de travestis pela mídia. Em 1984, Roberta Close era difundida enquanto “furacão midiático”, pela atenção que chamava por onde passava. Close estreia num histórico ensaio sensual na revista *Playboy*³⁶ instigando a sociedade e a indústria midiática da época. Na década de 1980, “uma

³⁵ “Em arte, é o espetáculo ou filme de comédia musical com humor ingênuo e popular, sendo uma adaptação brasileira do gênero internacionalmente conhecido como burlesco”. CHANCHADA. In: **Wikipédia**, 2024. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Chanchada#:~:text=Chanchada%2C%20em%20arte%2C%20%C3%A9%20o,o%20samba%20e%20o%20Carnaval>. Acesso em: 11 jan. 2024.

³⁶ Disponível em: <https://www.revistaplayboy.com.br/>. Acesso em: 11 jan. 2024

verdadeira explosão de filmes de sexo explícito com personagens travestis em seus enredos ganha espaço nos cinemas que povoavam a região central de São Paulo”³⁷. Essa abertura se deu com a estreia do filme *O sexo dos anormais* (1984) estrelado pela artista Cláudia Wonder. Como Close, Wonder também era conhecida na noite paulistana, especialmente por suas performances transgressoras. Ela estreia no filme considerado marco na popularização de personagens trans na cena pornô-cinematográfica brasileira.

Figura 8 – Roberta Close (ensaio Revista Playboy)



Fonte: ROCHA, P. Roberta Close, Inside Playboy Brasil, ed. 108, jun. 1984.

Trago essas, dentre outras expressões, que transgridem paradigmas nas performances de gênero e sexualidade na produção artística-cultural-midiática. A presença de mulheres trans e travestis nesse cenário compôs esse movimento de transgressão na arte e fez com que ele acontecesse para além das barreiras

³⁷ SANTOS, D. M. **As travestis no cinema da boca do lixo e na pornografia digital**. 2019. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019, p. 31. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11583>. Acesso em: 11 jan. 2024.

binárias de gênero, em sintonia com temas emergentes no momento político em questão. É importante que seja mencionada a presença dessas dissidências de gênero para demarcar a importância dessas produções brasileiras, muitas vezes desconhecidas e menos referenciadas: estigmatizadas, em relação às produções dos Estados Unidos e da Europa. Pêdra Costa e Fernanda Nogueira (2014) apontam:

Por que temos muito mais informação sobre as ditas “subculturas” daquele velho primeiro mundo, do que daquelas histórias que aconteceram e estão acontecendo ao nosso lado, em nós? Por que nossas ficções subversivas e realidades liberadoras são invisíveis? O que essa invisibilidade nos diz hoje? A quem interessa tudo isso? E o que essas práticas e narrativas subalternizadas incendiárias podem provocar? Sabemos que o projeto colonial trabalha com o esquecimento, por isso a questão da memória é fundamental nas questões pós-coloniais. Reviver, refazer e recriar a memória é uma resistência!³⁸

Junho de 2013³⁹ foi um período marcado por intensos protestos em todo o país. O motivo que desencadeou a revolta foi o aumento do valor da passagem no transporte coletivo, que logo abriu espaço para demais reivindicações populares. Esse período é marcado por manifestações e ocupações de espaços públicos e privados, por parte de camadas da sociedade, mexendo com as suas estruturas político-sociais instituídas até então. Em meio à revolta que se instaurava, foi-se abrindo espaço para que novos coletivos e expressões artísticas pudessem surgir e se expressar em meio às reivindicações populares. Em 27 de julho de 2013, manifestantes se reuniram na orla de Copacabana em um ato feminista intitulado *Marcha das Vadias*. As manifestantes protestaram pela legalização do aborto, contra a violência patriarcal, de gênero e sexual, e pela liberdade das mulheres. Tudo isso aconteceu no mesmo dia, horário e região onde ocorreu a manifestação católica *Jornada Mundial da Juventude*, ato religioso em homenagem à liderança máxima dessa igreja, o então Papa Francisco, em visita ao país.

³⁸ COSTA, P.; NOGUEIRA, F. Da pornochanchada ao Pós-pornô-Terrorismo no Brasil: d'As Cangaceiras Eróticas ao Coletivo Coiote. **Medium**, 24 dez. 2014. Disponível em: <https://medium.com/revista-rosa-5/da-pornochanchada-ao-pos-porno-terrorismo-no-brasil-das-cangaceiras-eroticas-ao-coletivo-coiote-f0f4ab92836>. Acesso em: 11 jan. 2024.

³⁹ Levante popular conhecido por *Jornadas de Junho*.

Durante o ato feminista, cercadxs por um cordão de manifestantes, integrantes do coletivo Coiote⁴⁰ realizaram uma ação pós-pornô-terrorista⁴¹ durante a marcha. As performers protestaram contra a violência colonial-patriarcal, utilizando seus corpos e sua sexualidade em espaço público. Raíssa Vitral e Gilda Boka de Karalha se masturbaram e penetraram uma à outra: ânus e vagina, com imagens de santas católicas e crucifixos, em combate às violências históricas, cometidas por representantes da instituição católica e dos poderes públicos. Embaladas pelo coro do movimento *Anarcofunk*⁴², e protegidas pelas manifestantes no ato, xs artistas concluíram a ação com a quebra das imagens religiosas, arremessadas contra o chão.

Figura 9 – Coletivo Coiote - Marcha das Vadias (2013)



Fonte: ALZUGARAY, P. Teatro da crueldade. Celeste, 8 jan. 2019.

⁴⁰ Coletivo anarquista ativo nos anos 2010, conhecido pela radicalidade de suas intervenções.

⁴¹ Inspirada no pós-pornô sob efeitos do pornoterrorismo de Diana J. Torres.

⁴² Coletividade e movimento artístico de produção contracultural, na música e na performance. Cito alguns algumas dessas expressões: Jota Mombaça como Monstra Errátika (Rio Grande do Norte), Pagu Funk (Rio de Janeiro), Mogli Saura (São Paulo), Putinhas Aborteiras (Rio Grande do Sul), entre outras espalhadas pelo Brasil e pelo exterior. Acesso ao álbum coletivo, em: <https://www.youtube.com/watch?v=fWmjnhEI4qA>. Acesso em: 11 jan. 2024.

Com a alta repercussão da ação, o coletivo Coiote, até então conhecido nas subculturas kuir, recebe visibilidade internacional pela radicalidade da intervenção pornográfica, em espaço público; e, claro, pela utilização de símbolos católicos durante a intervenção. Obviamente, as integrantes se tornam alvo de exposição midiática e consequentemente de perseguição, pela expressão de sua denúncia contra a instituição católica-patriarcal.

No ensaio *Da pornochanchada ao Pós-Pornô-Terrorismo no Brasil*, Pêdra Costa e Fernanda Nogueira anunciam as origens e o porvir das produções contraculturais sexo-gênero dissidentes no país, com destaque às intervenções pós-pornô-terroristas do coletivo Coiote. Elxs mapeiam essas intervenções até o início dos anos 2010, situando movimentos estético-políticos de produção dissidente, marcados pela contraconduta aos modos dominantes na pornografia e na arte, com ética-estética pós-pornográfica.⁴³

Assim como as manifestações populares, as intervenções artísticas seguiram a todo vapor nos meses e anos seguintes. Em 2014, outra intervenção do coletivo Coiote causou polêmica no país e nas mídias. Dessa vez, a ação foi intitulada *Xereca Satânik* e foi acionada durante o Seminário de Investigação & Criação: Corpo e Resistência, na Universidade Federal Fluminense (Campus Rio das Ostras). Nessa performance, Raíssa Vitral faz uma denúncia aos estupros ocorridos na cidade e naturalizados pelas instituições governamentais, que pouco e nada fazem para combater esse tipo de violência. Durante a ação, a artista insere uma bandeira do Brasil em sua vagina, e tem a mesma costurada por uma colega. Vitral rompe a costura sobre sua vagina, e arranca a bandeira do Brasil, manchada de sangue. Mais uma vez a ação toma alcance midiático internacional, e é propagada enquanto “festa satânica na universidade”.⁴⁴ Perseguições se deram contra a artista, seu coletivo, e contra membros da universidade; e nada foi feito contra os crescentes casos de estupros na cidade, e contra os estupradores, tanto pela mídia hegemônica, quanto pelas instituições de segurança pública. Realidade

⁴³ COSTA, P.; NOGUEIRA, F. Da pornochanchada ao Pós-pornô-Terrorismo no Brasil: d'As Cangaceiras Eróticas ao Coletivo Coiote. **Medium**, 24 dez. 2014. Disponível em: <https://medium.com/revista-rosa-5/da-pornochanchada-ao-pos-porno-terrorismo-no-brasil-das-cangaceiras-eroticas-ao-coletivo-coiote-f0f4ab92836>. Acesso em: 11 jan. 2024.

⁴⁴ Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2014/06/04/pf-investiga-festa-satanica-na-uff-mais-dois-eventos-estao-marcados.htm>. Acesso em: 11 jan. 2024.

essa que se reflete em demais cidades brasileiras, quando se trata de violências machistas.

Figura 10 – Coletivo Coiote - Xereca Satanik (2013)



Fonte: Acervo pessoal.

2.2 GOLDEN SHOWER E O PORNÔ DESVIANTE: DA MICRO À MACROPOLÍTICA

O que me mobiliza para o encontro com outras pornografias é uma questão vital, e tem a ver com a percepção do colapso e da paralisia que provocam esses aparatos – esvaziamento da sensação, imagens prontas se repetindo na troca de rostos; nem na pele dá pra sentir a diferença, a negociação rola só entre cérebro e olho. Então, a força que arrasta para outros encontros está relacionada à busca pela vibratibilidade, processos de rachadura com a forma, atentos à porosidade, aos acoplamentos, aos respiros, enfim, ao habitar um corpo.⁴⁵

No Brasil, o início de 2019 foi marcado pela posse do então presidente eleito Jair Bolsonaro, liderança máxima na ascensão da onda neoconservadora militar-evangélica, que vem tomando espaços no país, atualizada desde a vitória nas urnas, na eleição de 2018. 2019 também é o ano que marca o início das atividades da *EdiyPorn* – *pornô desviante*, a produtora gerida pelo coletivo que faço parte, que vem acionando um movimento artístico, desviante aos modos dominantes de produção e consumo de pornografia.

No início da formação do coletivo, nos dedicamos em experimentações sociais e estéticas. Além de pensar-fazer os primeiros filmes, e articulações técnicas e burocráticas da produtora (e seu *site*), nos dedicamos na realização de proposições⁴⁶ performativas, que nomeamos de *Pornoshows*: uma prática de intervenção estética-política que se dá em espaço público, com objetivo de *hackear*⁴⁷ imaginários sexuais de espectadores, a partir do contato com a

⁴⁵ DONINI, A. A. Outras pornografias. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, n. 16, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cadernossujetividade/article/view/38535/26194>. Acesso em: 11 jan. 2024, p. 68.

⁴⁶ Para Lygia Clark, proposições são propostas poéticas, que convidam as pessoas a penetrarem na obra, para além da apreciação como mero espectador, portanto, a participarem da (cri)ação. Ver: MAGALHÃES, T. F. R.; AZEVEDO, M. T. O. As Proposições de Lygia Clark e suas Ressonâncias nas Instituições Artísticas. **Porto Arte**, v. 26, n. 46, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/article/view/118745>. Acesso em: 14 jan. 2024.

⁴⁷ “Enquanto o engenheiro captura tudo o que funciona, e isso para que tudo funcione melhor a serviço do sistema, o hacker se pergunta ‘como isso funciona?’ para encontrar as falhas, mas também para inventar outras utilizações, para experimentar. Experimentar significa, então, viver o que implica *eticamente* esta ou aquela técnica. O hacker vem arrancar as técnicas do sistema

intervenção pornográfica que se utiliza de práticas contrassexuais, por muitxs, consideradas não convencionais.

Contagiadxs pela potência da reverberação dessas primeiras ações que se deram em festas e espaços públicos em São Paulo, seguimos nos dedicando e investindo na prática social e coletiva. No dia 4 de abril, durante o carnaval de 2019, uma dessas proposições, até então micropolítica, se choca com a macropolítica após a viralização do registro de uma de nossas ações durante o carnaval de rua de São Paulo. Nessa proposição, juntamente com Paulx Castello, acionamos a ação que ficou conhecida por *Golden Shower*⁴⁸ (chuva dourada), realizada sobre o telhado de um ponto de táxi, durante a passagem do *Blocú*⁴⁹. Embaladxs pelo show da cantora Jup do Bairro que comandava o bloco, nossa ação capturou a atenção do público, surpreendido pela intervenção, que foi ao delírio ao ver o banho de urina nos cabelos de Castello, que, molhadx, segue numa dança sensual, ao som da cantora Jup do Bairro, enquanto a festa segue.

No dia seguinte, o último do carnaval de 2019, somos surpeendidxs ao descobrir que a ação realizada no dia anterior havia sido registrada e estava sendo compartilhada no *Twitter*, com certo alcance midiático. No início, nos divertimos com a notícia da viralização da performance no *Twitter*. Horas depois chegaram as primeiras mensagens e ligações de amigxs anunciando que o então presidente Bolsonaro havia compartilhado o vídeo de nossa ação. Ironicamente, Bolsonaro compartilhou o vídeo após a divulgação do deputado federal e ex-ator pornô, Alexandre Frota, até então seu aliado, com intuito de difamar o carnaval brasileiro.

tecnológico, libertando-as". COMITÊ INVISÍVEL. **Aos nossos amigos:** crise e insurreição. 2a edição. São Paulo: n-1 edições, 2018, p. 151.

⁴⁸ Ver texto disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Controv%C3%A9rsia_do_golden_shower. Acesso em: 11 jan. 2024.

⁴⁹ Bloco carnavalesco LGBTI+ de São Paulo.

Figura 11 – Tuíte de Jair Bolsonaro em 5/3/2019



Fonte: CRUZ, B. S. Golden shower: Bolsonaro pode ser punido pelo Twitter por vídeo adulto? Tilt Uol, 6 mar. 2019.

A partir daí, a situação começou a ficar perigosa: nossos corpos e nossas identidades estavam expostos pela liderança máxima da onda conservadora que se instaurava no país. Bolsonaro, que estava no início do seu mandato, utilizou de nossa imagem para desclassificar a maior festa popular brasileira. A performance explícita que foi realizada no contexto de um pequeno bloco foi arrastada e descontextualizada, nos holofotes nacionais e internacionais, após a intervenção do então presidente, e colocando nossa integridade em risco diante das perseguições. Passamos semanas refugiadxs, tememos por nossas vidas, mudamos nossas aparências, precisamos de suporte especializado, para lidar com a mídia e com os poderes jurídicos.

Assim como Bolsonaro, que também se torna alvo de críticas no Brasil e no exterior, ao divulgar o que ele mesmo considera inadequado para circulação em massa: pornografia e expressões de gênero e sexualidade dissidentes. Num movimento de continuidade, logo após a polêmica do primeiro tuíte, ele lança um

segundo, ainda sobre o tema, questionando “o que é *golden shower*?”. Intensificando as chacotas e críticas que chegaram a abalar a sua popularidade; tanto de adversários, como de apoiadores. Em meio à polêmica, Bolsonaro chegou a receber um pedido de *impeachment*⁵⁰ (golpe de estado) pela postagem do vídeo.

Figura 12 – Matéria no portal G1 (2019)



Fonte: G1, 6 mar. 2019.

O ex-presidente não só expressou publicamente um vídeo com conteúdo que afirma considerar inadequado, em seu canal de comunicação oficial (seu perfil no *Twitter*) para milhões de pessoas, como arrastou práticas sexuais e expressões de gênero dissidentes para mídia internacional, instigando o debate que, para nós, é emergente: a visibilidade e a ampliação da discussão acerca de práticas e expressões sexuais de gênero, para além da normatividade.

Após ação movida por nossxs advogadx⁵¹, no Supremo Tribunal Federal, Bolsonaro apaga as postagens e nunca mais toca no assunto. Já nós, seguimos lidando com as consequências e com a potência das reverberações da

⁵⁰ Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Controv%C3%A9rsia_do_golden_shower#:~:text=A%20controv%C3%A9rsia%20do%20golden%20shower,que%20aquela%20cena%20era%20comum. Acesso em 11 jan. 2024.

⁵¹ Tivemos suporte jurídico (pro bono) de Cyntia Almeida Rosa e Flávio Grossi.

performance-acontecimento, em nossas vidas. Tudo isso, em meio à continuidade dos trabalhos com a criação do movimento pornô desviante.

CAPÍTULO 3: USO DOS PRAZERES COMO FERRAMENTA POLÍTICA

Diz-se, frequentemente, que não fomos capazes de imaginar novos prazeres. Pelo menos, inventamos um outro prazer: o prazer da verdade do prazer, prazer de sabê-la, exibi-la, descobri-la de fascinar-se ao vê-la, dizê-la, cativar e capturar os outros através dela, de confiá-la secretamente, desalojá-la por meio da astúcia; prazer específico do discurso verdadeiro sobre o prazer. Não é no ideal de uma sexualidade sã, prometida pela medicina, nem no sonho humanista de uma sexualidade completa e realizada, nem muito menos no lirismo do orgasmo e nem nos bons sentimentos da bioenergia, que se devem procurar os mais importantes elementos de uma arte erótica vinculada ao nosso saber sobre a sexualidade (nesses casos, trata-se apenas de sua utilização normalizadora); e sim na manipulação e intensificação dos prazeres ligados à produção de verdade sobre o sexo.⁵²

Trago esse trecho de Michel Foucault com o intuito de pensar sobre como se produz verdade a respeito do sexo e da sexualidade. O autor fala sobre o ocidente ter capturado a sexualidade pela via da ciência, buscando investigá-la, mas que a ciência, ao debruçar-se sobre o sexo, não difere muito da moral cristã. Tanto a especulação científica, quanto a proibição moral, ambas estão focadas em produzir uma verdade sobre o sexo, seja para proibi-lo ou para incentivá-lo, tentando regulá-lo: são sempre tentativas de normatizá-lo. Assim como a arte, o sexo, o gozo: “não serve para nenhum uso porque antecede todos os usos. Não se deixa sujeitar ou subjugar e por isso implica uma dessubjetivação”⁵³.

A pós-pornografia e os estudos *queer*/kuir são movimentos híbridos que contestam as produções de verdade sobre o sexo. Pois, em todos os aspectos da sexualidade dominante, ela produz desvios. E é sobre esses desvios que eu venho me debruçando. Não para produzir uma verdade sobre eles, ou para dissecá-los cientificamente, mas para propor, *com eles e por meio deles*, outros modos de entender e experimentar a sexualidade, a pornografia e, em última instância, a vida.

⁵² FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I**: A vontade de saber. 15ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2023, p. 80.

⁵³ SCHIAVON, J. P. **Pragmatismo pulsional**: clínica psicanalítica. São Paulo: n-1 edições, 2019, p. 92.

Em tempos em que o corpo, o desejo e a subjetividade estão cafetinados pelas representações de performatividade sexual (corporal e de gênero), dominantes na mídia e na pornografia, cabe questionarmos o que conduz essa cafetinação sob a condição de mercadoria, e pelo farmacopoder. Portanto, se faz urgente criar novos modos de contracolonização⁵⁴ midiática-subjetiva do corpo, do gênero e do desejo, pelo uso dos prazeres, na contramão das representações hegemônicas. Seja pelo uso de novas tecnologias, na filosofia, na mídia, etc.

Desse modo, retomemos as palavras de Foucault citadas anteriormente: “Não é no ideal de uma sexualidade sã, prometida pela medicina” que se deve colocar os esforços de uma produção desejante que seja aliada à contracolonização midiática-subjetiva, mas “na manipulação e intensificação dos prazeres ligados à produção de verdade sobre o sexo”. Ou seja, a urgência à qual fazemos menção a respeito da criação de novos usos dos prazeres se coloca em intensificar esses prazeres, mais do que criar sobre eles verdades fundamentais.

Para Georges Bataille, “o erotismo tem para os homens um sentido que a abordagem científica não pode atingir”⁵⁵, trata-se de uma experiência interior que não pode ser definida objetivamente pelos saberes dominantes, portanto, uma experiência de dessubjetivação. Algo que não pode ser controlado. Relaciono, então, com a arte, não aquela sujeita à condição de mercadoria, mas sim da experiência artística, não necessariamente pensada enquanto produto. A partir dessa relação entre sexualidade, arte e mercado, percebo o quanto o capital capturou também a experiência sexual pela imagem representada pela pornografia e pela mídia.

3.1 FETICHISMO E SUBVERSÃO

O termo sadomasoquismo tem origem nas práticas eróticas relatadas nas obras dos escritores Marquês de Sade e Sacher-Masoch, onde o sadismo caracteriza: prazer em causar dor, sofrimento, humilhação etc.; e masoquismo: prazer por vivenciar esses prazeres, na condição de submissão. São práticas

⁵⁴ SANTOS, A. B. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu, 2023.

⁵⁵ BATAILLE. G. **O erotismo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 30.

caracterizadas pelo uso dos prazeres de forma não convencional à norma. Quando falo em prazer, estou me referindo a algo que faz parte do desejo, no sentido de esclarecer que prazer e desejo não são a mesma coisa, mas que podem se relacionar. Assim, o prazer aparece no sadomasoquismo como um desdobramento ou um agenciamento do desejo para além da norma convencional de uso dos prazeres considerados sexuais.

Historicamente, desde o início da popularização dessas explorações, ainda na Europa, o discurso médico preocupou-se em patologizar pessoas adeptas como perversas. Preocupado em perseguir esses indivíduos ditos “doentes”, o Dr. Richard von Krafft-Ebing, psiquiatra austríaco estudioso das “sexualidades anormais”, pode perceber:

que muitos dos casos de perversão não estavam diretamente ligados à sensação física da dor, mas à atitude psicológica. Em seu livro *Psychopathia Sexualis* (1907), sadismo, masoquismo, fetichismo e antipatia sexual aparecem como paraestésias, uma das categorias de neuroses sexuais cerebrais. O sadismo seria a apresentação extrema e patológica de uma tendência masculina à dominação. O masoquismo, a exacerbação da submissão feminina. Como seus casos não corroboravam com essa hipótese, ele acreditou que homens “masoquistas” apresentavam o início da “antipatia sexual” e eram “parcialmente efeminados”.⁵⁶

Mais adiante, ainda no século XIX, o também médico e inventor da psicanálise, Sigmund Freud⁵⁷, em meio às descobertas e contribuições que a psicanálise teve para o campo da sexualidade, é importante destacar que haviam ali contradições, especialmente em relação ao modo como a psicanálise e a obra de Freud foram usadas, em defesa de um discurso patologizante das dissidências de gênero e sexualidade, como a homossexualidade. Reforçando violências, que se atualizam e que são cometidas por profissionais da saúde psi⁵⁸ ainda hoje. Discursos psicopatologizantes, propagados e com frequência, naturalizados por profissionais desimplicados com o cuidado dessas vidas. Observar esse histórico nos revela o quanto as violências às expressões dissidentes da heterocisnorma são

⁵⁶ KRAFFT-EBING, 1907 *apud* BARROS, M. D. R. “**Feministas, teclas e tapas**”: uma etnografia virtual sobre feminismos e BDSM. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019, p. 21.

⁵⁷ FREUD, S. **Obras completas Volume 6**: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

⁵⁸ Utilizo a expressão “psi” para abarcar profissionais da psiquiatria, psicologia e psicanálise.

reforçadas sob um olhar da saúde, e reproduzidas ainda hoje de outros modos. Isso instaura, assim, um campo inóspito para as dissidências sexuais e de gênero, e contra expressões que transgridem performances de gênero sexuais, normativas.

3.1.1 *BDSM*

Pensando em subversões, a lógica dominante nas performatividades sociais, sexuais, e nos papéis de gênero, desempenhados hegemonicamente na sociedade, a subcultura BDSM (sigla “guarda-chuva” para abarcar práticas fetichistas como: bondage, dominação, disciplina, sadismo e masoquismo), surge na subcultura de grupos fetichistas na segunda metade do século XX. Analisando esse universo, pude perceber enquanto um campo amplo de exploração das formas de relação e de práticas sexuais e eróticas, numa perspectiva contracolonial do uso do corpo e do prazer. O movimento BDSM surge enquanto alternativa ética para jogar com papéis de poder em uma relação, explorando sentidos ditos não convencionais, envolvendo sexo ou não. No jogo, temos exemplos onde papéis de dominação e a submissão são performances desempenhadas, sob uma hierarquia de poder pré-estabelecida. Essas relações eróticas, por vezes sexuais, podem ser entendidas enquanto práticas contrassexuais⁵⁹. É subversiva pela ordem do consentimento nas hierarquias de poder, desempenhadas na ritualização de cada prática sexual, ou não necessariamente sexual, e que passa pela exploração de experiências eróticas, mexendo com os sentidos do corpo, e da subjetividade.

Nessas relações, podemos nos surpreender ao entender que a pessoa dominadora na ação, que exerce o aparente controle da prática, está na verdade servindo a pessoa na condição de submissão, pois é a pessoa na condição de submissão quem tem o poder de controle da situação. Isso se dá através de acordos pré-estabelecidos e de uma palavra de segurança definida antes do jogo para comunicar durante a prática⁶⁰. Entendo enquanto modos de operar com hierarquias sociais e que produzem modos de resistir a elas quando exercidas.

⁵⁹ PRECIADO, P. B. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014.

⁶⁰ *Safeword* em inglês, ou “palavra de segurança”, funciona como um código imediato que comunica que um ato específico ou uma cena, deve ser interrompida ou que não há consentimento para

Safeword é um método de segurança combinada previamente entre todas as pessoas envolvidas em uma sessão/cena, que tem o objetivo de mostrar que se atingiu um limite, seja físico ou psicológico, que será necessário diminuir a intensidade em tal prática ou que simplesmente você não está mais afim de prosseguir aquilo. Normalmente, quem usa a palavra é o Bottom⁶¹ mas isso não exclui o uso da mesma pelo Top.⁶²

A comunicação entre xs praticantes, permite controlar a intensidade e mesmo encerrá-la a qualquer momento, quando essa palavra de segurança⁶³ for proferida. Isso estabelece uma prática relacional que subverte performatividades dominantes na lógica cis-hetero-patriarcal, refletida enquanto norma nas relações sociais-sexuais. “Não respeitar a palavra e o gesto de segurança é sinônimo de desrespeito e quebra da consensualidade, deixando de ser assim BDSM e passa a ser abuso/violência.”⁶⁴ práticas normalizadas na sociedade.

3.2 DO PÓS-PORNÔ AO PORNÔ DESVIANTE: CONSTRUINDO UMA ÉTICA

esta grande variedade de estéticas e estratégias políticas (pós-pornô, camp, drag king, BDSM, anarcopunk, ciber, queer-indígena etc.) é uma inversão epistemológica, um deslocamento radical do sujeito de enunciação pornográfica: aqueles que foram objetos passivos do olhar pornográfico e disciplinador (“mulheres”, “atores e atrizes pornôs”, “putas”, “bichas e sapatonas”, “pervertidos” etc.) se tornam os sujeitos da representação, questionando desse modo, os códigos (estéticos e somatopolíticos) que tornaram visíveis seus corpos e práticas sexuais e

realizá-la. Existem também práticas onde se não é possível falar, como o uso de mordanças, máscaras e demais ações que privem a fala, e nesse momento a Safeword é substituída por um sinal de segurança ou Gesture Security. Texto de Ariel Félix: DANDAN, Your. SAFEWORD & GESTURE SECURITY: Palavra de segurança & Gestos de segurança | #BdsmDoZero. **Medium**, 19 dez. 2020, documento eletrônico. Disponível em: <https://medium.com/@yourdandan/safeword-gesture-security-palavra-de-seguran%C3%A7a-gestos-de-seguran%C3%A7a-bdsmdozero-afcb22b1a9fc>. Acesso em: 11 jan. 2024.

⁶¹ Os termos *top* e *bottom*, se referem à posição que cada pessoa exerce em determinada prática. Os papéis que cada participante assume podem ser variados de acordo com sua preferência. Sendo que *switcher*, é a pessoa que gosta de ser tanto *top* quanto *bottom*.

⁶² DANDAN, Your. SAFEWORD & GESTURE SECURITY: Palavra de segurança & Gestos de segurança | #BdsmDoZero. **Medium**, 19 dez. 2020, documento eletrônico. Disponível em: <https://medium.com/@yourdandan/safeword-gesture-security-palavra-de-seguran%C3%A7a-gestos-de-seguran%C3%A7a-bdsmdozero-afcb22b1a9fc>. Acesso em: 11 jan. 2024.

⁶³ Ou, quando o gesto de segurança for acionado.

⁶⁴ DANDAN, Your. SAFEWORD & GESTURE SECURITY: Palavra de segurança & Gestos de segurança | #BdsmDoZero. **Medium**, 19 dez. 2020, documento eletrônico. Disponível em: <https://medium.com/@yourdandan/safeword-gesture-security-palavra-de-seguran%C3%A7a-gestos-de-seguran%C3%A7a-bdsmdozero-afcb22b1a9fc>. Acesso em: 11 jan. 2024.

que produziram a impressão de estabilidades natural nas formas de fazer sexo e nas relações de gênero.⁶⁵

Em *Testo Junkie*, Paul B. Preciado abre brechas pela história e por modos de intervenção política na pornografia. Para o autor, a pornografia é um dispositivo masturbatório virtual, e sua indústria tem como objetivo a “masturbação planetária multimídia”, com “sua capacidade de estimular, independentemente da vontade do espectador, os mecanismos bioquímicos e musculares que regem a produção de prazer”⁶⁶. Portanto, podemos entender enquanto um dispositivo disciplinador, à serviço do capitalismo, e operado pela pornografia.

Angela Donini⁶⁷, diante da pornografia *mainstream*, considera importante pensarmos a relação das imagens com o corpo, imagens essas “que pautam a construção da indústria pornográfica dão a impressão de estarmos diante de um corpo desabitado de ritualística, onde as imagens, a câmera, o roteiro não se acoplam ao corpo”. Donini revela sobre o mecanicismo operado na indústria pornográfica, refletido nas performances sexuais-sociais.

3.2.1 Notas sobre a EdiyPorn

Pela insatisfação com as expressões dominantes na pornografia, e pelo desejo em fomentar alternativas contra-hegemônicas no pornô pela arte, em coletivo, criamos a *EdiyPorn* – *pornô desviante*. No dialeto pajubá⁶⁸, “edi” representa cu, e a sigla “diy”, utilizada inicialmente por movimentos contraculturais, representa *do it yourself* (faça você mesmo). Da junção de edi + diy, surge: *Ediy*, uma produtora pornô, latino-americana, preocupada em produzir uma pornografia desviante, dentro da pornografia hegemônica. Pelo desejo e pela emergência em expandir o repertório sexual-subjetivo, instaurado pelos modos de produção,

⁶⁵ PRECIADO, P. **Testo junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018, p. 288.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 281.

⁶⁷ DONINI, A. A. Outras pornografias. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, n. 16, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cadernosubjetividade/article/view/38535/26194>. Acesso em: 11 jan. 2024.

⁶⁸ “O pajubá é um dialeto com origem na fusão de termos da língua portuguesa com termos dos grupos étnico-linguísticos da África Ocidental reproduzidos nas reuniões de religiões afro-brasileiras, que chegaram ao Brasil com os africanos escravizados”. PAJUBÁ. In: **Wikipédia**, 2024. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pajub%C3%A1>. Acesso em: 11 jan. 2024.

representação e consumo de pornografia hegemônica: colonial-capitalista-cishetero-racista-lgbtifóbica-capacitista, etc.

Apesar de não ser novidade que a arte e o erotismo (sexualidade e pornografia) podem fazer parte de uma mesma coisa, os estigmas são marcantes quando se tenta explicitar o que se acostumou a consumir no privado. Portanto, considero emergente entender a pornografia enquanto campo de estudos a ser aprofundado. Tendo isso em vista, percebo que a pós-pornografia, assim como os estudos *queer*/kuir e o BDSM, são movimentos éticos, insurgentes, na contramão do regime colonial-capitalista cis-héteronormativo. Funcionam como ferramentas que viabilizam o movimento que surge na *EdiyPorn*, com objetivo de friccionar a pornografia pela própria pornografia. Desde o início do coletivo, em 2019, produzindo experimentações na pornografia e na arte, flertando com referencial ético⁶⁹ e estético do movimento pós-pornô.

Tensionar a pornografia é também explicitar o privado: romper com o binário da interioridade e exterioridade. A pornografia como conhecemos vem sendo utilizada como tecnologia de controle social: sexual e subjetivo. Tendo isso em vista, o *pornô desviante* busca pensar-produzir pornôs singulares, enquanto gesto de contato sem corresponder às expectativas normativas, mirando no movimento, na (des)estagnação de uma estrutura dominante e reproduzida incessantemente. Uma espécie de fazer autoerótico, um gozo pela diferença⁷⁰. Para Eliane Robert de Moraes:

A pornografia comercial tenta se impor de maneira única sobre desejos que são singulares, produzindo “uma sexualidade conformada às exigências da ordem social; um erotismo reduzido às demandas da utilidade. A tralha midiática oferece um repertório fechado e pronto de imagens, que banaliza e reduz o poder subversivo do sexo”.⁷¹

⁶⁹ Trago o movimento pós-pornográfico como orientado por uma ética, no sentido de uma ética pulsional, em que o desejo é agenciado num sentido além da norma do uso convencional dos prazeres, e com isso produz um movimento ético. Para melhor compreensão do conceito de ética pulsional, sugiro a leitura do livro “Pragmatismo pulsional” (2019), de João Perci Schiavon.

⁷⁰ *Ibid.*, p. 91.

⁷¹ OMS, C. “A pornografia é uma fome, podemos saciá-la com um banquete, ou um salgadinho” **Revista AzMina**, 23 nov. 2015, documento eletrônico. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/a-pornografia-e-uma-fome-podemos-sacia-la-com-um-banquete-ou-um-salgadinho/>. Acesso em: 14 jan. 2024.

Observando a trajetória, pude perceber que a pós-pornografia muitas vezes está delimitada num lugar *underground*, certas vezes intelectual ou em subculturas, restrita a nichos de interesses em comum. Com isso, percebo a importância de romper com o binômio pornô x pós-pornô, e para isso entendo que o pornô desviante se trata da instauração de um movimento híbrido, nutrido pela crítica e pela ética do pós-pornô, aplicada na concepção de pornô. Um movimento de pensar-fazer uma pornografia crítica ao alcance de todxs; não mais restrita a grupos interessados em questionar a pornografia. Portanto, se faz necessário romper com a lógica binária que separa um movimento do outro, para isso criamos o pornô desviante: um movimento híbrido, ético-estético-político de produção midiática na pornografia e na arte.

Quando falamos em produzir um pornô desviante, trata-se da criação de um território híbrido entre a pornografia e a pós-pornografia, a arte e o erotismo, o público e o privado, um entre lugares, um espaço fronteiro. Enquanto fronteira, o *pornô desviante* não é um pornô tradicional, e tampouco uma pós-pornografia, mas se faz nesse espaço de encontro entre esses dois lugares, compondo-se de elementos que abrangem ambos os territórios, mas sem se restringir especificamente em nenhum deles. E, aqui, não se trata de definir o *pornô desviante* enquanto lugar identitário, mas de entendê-lo justamente em sua potência fronteira, de desarticular o que formata o pornô e o pós-pornô em categorias distintas.

O coletivo multidisciplinar que move a *EdiyPorn* é composto, atualmente, por três membrxs⁷², coordenando os trabalhos. Desde o início contamos com uma rede de colaboradorxs que participam das atividades, em áreas específicas da produtora. Percebo que o comum, que nos move enquanto coletivo, é o desejo de criar alternativas para mexer na lógica das representações dominantes da pornografia. Representações essas que “não nos satisfazem, tampouco nos representam”⁷³.

No início dos trabalhos, as primeiras produções audiovisuais (os filmes) foram sobre performatividades dissidentes à heterocisnorma. Empolgado em

⁷² Paulx Castello, Jeffe Grochovski e Zuma.

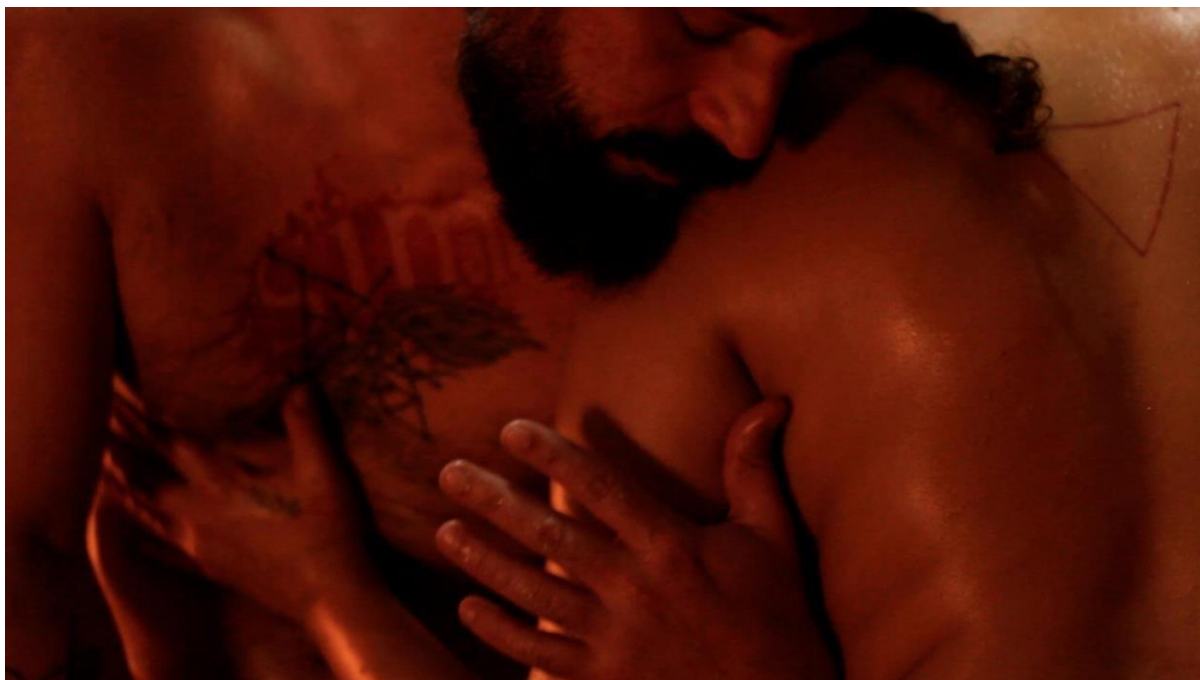
⁷³ EdiyPorn. Sobre. **Ediy Porn**, 2024. Disponível em: <https://www.ediyporn.com/sobre/>. Acesso em: 11 jan. 2024.

expandir horizontes sobre essas performances, entendi a importância em produzir filmes com performatividades cis-hétero, mantendo o objetivo de mexer na lógica da pornografia pela própria pornografia. Considerando que a indústria pornô como conhecemos é hegemonicamente gerida pelo patriarcado, entendo que mexer nessa estrutura é uma possibilidade de se produzir outros tipos de experiências.

Em meio aos processos na realização dos primeiros filmes com performances que, apesar de serem cis-hétero, apresentavam desvios às convenções cis-heterossexual normativa. Passei pela interdição de colegas do meio, apontando que estava fugindo da proposta *desviante*, na pornografia, ao realizar filmes como performances cis-hétero. Episódio esse que me faz refletir sobre quantas vezes ainda cairemos nas capturas das armadilhas identitárias, como se identidade fosse algo fixo e determinado e mesmo binário: pornô dissidente x pornô cis-hétero. Considero que a pornografia, independente de suas representações dominantes, pode ser desviante aos modos como está colocada: subalterna à perspectiva colonial-patriarcal. Desviá-la, para mim, é estar abertx às possibilidades de explorar novos sentidos na experiência midiática, sexual e subjetiva na sociedade.

No caso da inserção dessas performances nos filmes, o que está em jogo quando essas performatividades cis-hétero são inseridas é muito mais uma tentativa de desviá-las de sua organização padronizada. Trata-se, na prática, de contaminar a norma cis-hétero, convidando-a a experimentar outros modos de vivenciá-la em sua potência erótica. Trata-se de um movimento estratégico de contágio e de expansão da proposta, para além das dissidências sexuais e de gênero.

Figura 13 – Frame do filme *Entre peles* (2021)



Fonte: Acervo pessoal.

Ainda sobre as performances cis-héteros e os desvios produzidos nelas, compartilho sobre a reverberação e a potência de produzir filmes pornôis com performatividades diversas. Incorporadas, as produções cis-hétero fazem parte do movimento de expansão que vem nos permitindo difundir o repertório, e consequentemente alcançar novos públicos.

No filme *Entre peles* (2021)⁷⁴, por exemplo, em uma performance com representação cis-hétero, o filme se destaca pela poética no encontro entre os corpos sob um chão de madeira que faz barulho, conforme os corpos se relacionam. Imagens desfocadas e trilha sonora experimental compõem esse ritual sexual entre xs performers. Lembro-me que durante uma *live* de lançamento do filme, um dos performers comentou que para ele, por mais que na cena fosse visível apenas xs performers durante o ato sexual, foi uma espécie de ritual onde nós da equipe técnica também fizemos parte do ato. Para além dessas questões, o filme subverte os papéis hegemônicos de masculino (penetrador) e do feminino (penetrado), pois ambos os corpos acessam intimamente um ao outro. Como, por exemplo, quando xs performers incluem o ânus “masculino” na prática sexual. Prática essa, por

⁷⁴ Teaser disponível em: <https://www.ediyporn.com/teaser/entre-peles/>. Acesso em: 11 jan. 2024

muitos considerada um fetiche, em filmes cis-hetero, onde é mais comum a manutenção de uma performance estereotipada do homem penetrador.

Árida (2020)⁷⁵ se destaca pela singularidade da experiência, onde x performer que está só em cena, realiza uma experiência sexual no cerrado brasileiro, numa experimentação que podemos entender enquanto contrassexual, ao utilizar de um cacto que apesar do formato fálico, é repleto de espinhos por toda sua superfície. Num jogo tênue entre perigo e prazer, ou prazer pelo perigo, x performer realiza um experimento sexual que chama atenção pelo risco/ousadia.

Cito essas duas produções a fim de compartilhar sobre os filmes e seus processos de criação. Esses processos, é importante dizer, são realizados a partir dos desejos dxs performers envolvidxs em cada experimentação fílmica realizada pelo coletivo. Há nessas criações uma orientação em cada trabalho: criar a partir dos desejos de quem estará em cena, fomentando experimentações desejantes. O que essas produções ativam no campo do desejo se dá por meio de práticas inventivas, sensíveis, fetichistas, tradicionais, etc. como penso que pode ser qualquer prática sexual-erótica que se proponha ir além dos registros pornográficos, expressados pela norma.

⁷⁵ Teaser disponível em: <https://www.ediyporn.com/teaser/autoprazer-arida/>. Acesso em: 11 jan. 2024.

Figura 14 – Frame do filme *Árida* (2020)



Fonte: Acervo pessoal.

Quando falo em construção coletiva, não me limito à equipe por trás da *EdiyPorn*, mas sim das pessoas envolvidas em cada trabalho, e que participa de algum modo da cena, permitindo que ela aconteça e seja realizada. Nesse sentido, relatar esses filmes passa por um cuidado de entender a multiplicidade de perspectivas que são experimentados em cada cena, uma vez que o intuito não é limitar com um dizer uma experiência erótica que extrapola as definições que eu mesmo poderia dar a elas nessa tentativa.

Além da veiculação dos filmes no site da produtora⁷⁶, trabalhamos com licenciamentos desses filmes em outras plataformas e canais pornográficos no Brasil e no exterior, como: *SexyHot* (Brasil), canal brasileiro do grupo *Playboy*⁷⁷, *Cheex* (Alemanha), *Pink Label* e *Afterglow* (Estados Unidos), etc. Compondo esse movimento, faz sentido destacar que os filmes desse coletivo, que é latino-

⁷⁶ Que dispõem parte de seu conteúdo com acesso aberto a todo público (entre vídeos, textos, fotografias, etc.), e outra parte (filmes exclusivos), acessíveis ao público assinante.

⁷⁷ Sobre o início e influência da Playboy, Preciado nos revela: “Em 1953, Hugh Hefner fundou a revista *Playboy*, primeira revista pornô norte-americana vendida em bancas de jornal [...] Em 1959, Hefner transformou uma antiga casa de Chicago na Mansão Playboy. O lugar foi promovido pela própria revista e em anúncios de televisão como um ‘palácio do amor’ com 32 quartos, tornando-se rapidamente a mais popular utopia erótica norte-americana”. PRECIADO, P. B. **Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 edições, 2018, p. 31.

americano, têm participado do crescente circuito de festivais espalhados pelo mundo voltados à produção pornográfica. Entre eles, o *PornFilmFestival Berlin* (Alemanha), *Hacker Porn Film Festival* (Itália), *Excéntrico* (Chile), *Mix Copenhagen* (Dinamarca), *San Francisco PornFilmFestival* (Estados Unidos), entre outros.

Essas experiências vêm expandindo a visibilidade do trabalho da *EdiyPorn* no mundo, proporcionando maior giro de capital financeiro, fomentando alianças, criando uma rede de produção e de responsabilidade acerca da difusão e do consumo de pornografia crítica. Essa expansão se dá pelo acesso a públicos consumidorxs, para além das subculturas *undergrounds*. Com isso, entendo a potência da difusão dessa pornografia, para além do *underground* a que seria limitado, caso não acontecesse em outros circuitos.

No site da *EdiyPorn*, além das produções audiovisuais (os filmes) com acesso exclusivo para assinantes, prezamos pelo movimento de ampliação acerca da temática sexo-gênero dissidente na produção midiática. O *site* também disponibiliza conteúdos abertos ao público não assinante, conteúdos que são de diversas linguagens: áudio, vídeo, textos e imagens; de artistas, coletivos e intelectuais do Brasil e do exterior, com acesso gratuito a todo público. O *site* conta também com a galeria “goze junto”: uma página interativa que intenta os papéis de *voyeurismo* e exibicionismo. Nela, o público assiste esses vídeos, e aqueles que quiserem participar, enviam seus vídeos autopornográficos para compor a galeria. Entre essas iniciativas, buscamos manter a dinâmica acessível, de uma prática social-coletiva de produção, difusão, consumo e interação através da pornografia, realizada coletivamente, no movimento de ampliar o repertório sexual-erótico-pornográfico-crítico-subjetivo de quem acessa o conteúdo.

CAPÍTULO 4: POLÍTICAS E PRÁTICAS DE CUIDADO À SERVIÇO DA VIDA

4.1 POLÍTICAS DE REDUÇÃO DE DANOS APLICADA À VIDA

A Redução de Danos (RD) vem sendo considerada uma perspectiva ético-clínico-política, pautada nos direitos humanos, para compreensão e intervenção acerca da problemática do uso de drogas. A RD é oriunda de práticas clínicas inovadoras da década de 1920 no Reino Unido, inspiradoras das terapias de substituição e, mais tarde, de reivindicações dos direitos das pessoas que usavam drogas, na década de 1970 na Holanda. Ela agrega uma série de ações voltadas à defesa da vida, visando à redução dos riscos e danos sociais, econômicos e à saúde das pessoas que não querem ou não conseguem deixar de usar drogas, tendo como ápice de seu reconhecimento, os resultados exitosos frente ao controle da epidemia mundial de HIV/aids.⁷⁸

Foi na cidade de Santos (SP), em 1989, que tivemos o marco do início das atividades com Redução de Danos (RD) no Brasil. A cidade portuária, além de polo de acesso de substâncias químicas, entre a América Latina e o mundo, foi polo de consumo de drogas. Santos, que possuía altos índices de prostituição em nível nacional, se tornou a cidade com maior índice de caso de HIV e aids no Brasil. Parte disso se deu através do consumo de drogas injetáveis e pelo reaproveitamento e compartilhamento de seringas utilizadas no uso de substâncias. Diante da emergência social de cuidado com a saúde e vida das pessoas, inspirado em modelos europeus, foi implementado um programa de distribuição e de informação para reduzir os danos gerados pelo consumo de drogas, incluindo a prevenção de IST's (infecções sexualmente transmissíveis) e HIV/aids.

Naquele momento histórico, houve a identificação de um número alarmante de casos de HIV/aids, inclusive entre usuários de drogas injetáveis. Diante da impossibilidade de oferecimento de um tratamento medicamentoso na época, pois não havia ainda disponível o tratamento com antirretrovirais, os serviços de saúde procuravam compor ações de prevenção secundária que pudessem, de fato, aliviar a condição dramática dos usuários. Outra questão a ser destacada é que, nessa

⁷⁸ Redução de Danos: conceitos e práticas. Material Comemorativo dos 30 anos de Redução de Danos no Brasil. São Paulo: UNIFESP, 2018, p. 4. Disponível em: https://www.tjmt.jus.br/intranet.arg/cms/grupopaginas/105/988/Redu%C3%A7%C3%A3o_de_danos_-_conceitos_e_pr%C3%A1ticas.pdf. Acesso em: 11 jan. 2024.

época, os serviços de IST/aids procuravam oferecer uma ação de cuidado, voltado para acolhimento e amparo dos usuários, intervenção sobre situações psicossociais que pudessem promover uma melhora na qualidade de vida e busca de direitos. Sendo assim, uma das ações da época foi a proposta de troca de seringas e agulhas para usuários de drogas injetáveis, como uma ação de RD. Embora essa ação tenha sido muito bem recebida pelos usuários de drogas injetáveis, ela foi bastante combatida e contestada pela sociedade, sob o argumento de que seria uma suposta prática de “incentivo ao uso de drogas” (MESQUITA *et al.*, 2001).⁷⁹

Podemos entender que a RD trata-se de uma prática social e transversal entre diversas áreas de saúde. Com uma abordagem “de baixo pra cima”, pois a relação com o usuário e o território são fundamentais nas articulações de cada ação, essas ações e abordagens serão distintas, de acordo com cada grupo social em questão. Entre o final dos anos 1980 e o início dos anos 1990, os trabalhos aconteceram direcionados aos cuidados com pessoas usuárias de drogas injetáveis. Hoje, as drogas, formas de uso e usuários, têm outros perfis e necessidades. Trata-se, portanto, de uma prática em movimento, que busca acompanhar as necessidades de seu tempo e espaço. Hoje, é comum grupos de ações com usuários de crack, esses muitas vezes em situação de rua. Já a abordagem com usuários em sofrimento pelo uso de cocaína, de classes sociais mais privilegiadas, será distinta, por exemplo. Assim como será diferenciada aos praticantes de *cheemsex*⁸⁰ (sexo químico), em dependência de substâncias utilizadas em contexto sexual, e que buscam por ajuda. O sexo químico vem se tornando uma prática crescente nos últimos anos. Essas drogas vêm sendo inventadas no hemisfério norte e comercializadas principalmente nos grandes centros urbanos. A metanfetamina, o *crystal*, merece destaque entre essas drogas relacionadas ao sexo. Essa substância costuma ser utilizada pela ingestão via fumo

⁷⁹ ZIHLMANN, K. F. Redução de Danos e IST/HIV/Hepatites. In: **Redução de Danos: conceitos e práticas. Material Comemorativo dos 30 anos de Redução de Danos no Brasil**. São Paulo: UNIFESP, 2018, p. 31. Disponível em: https://www.tjmt.jus.br/intranet.arq/cms/grupopaginas/105/988/Redu%C3%A7%C3%A3o_de_danos_-_conceitos_e_pr%C3%A1ticas.pdf. Acesso em: 11 jan. 2024.

⁸⁰ “O termo ‘*chemsex*’ é proveniente da contração de ‘*chemical sex*’, utilizado para indicar a ingestão voluntária de drogas psicoativas e não psicoativas no contexto de festas sexuais e de relações sexuais. Ele é particularmente associado a população de homens que fazem sexo com homens (HSH) para facilitar sessões sexuais prolongadas, quase sempre associada com múltiplos parceiros sexuais”. SOUSA, A. F. L.; CAMARGO, E. L. S.; MENDES, I. A. C. Chemsex e suas repercussões na saúde de homens que fazem sexo com homens: uma perspectiva de saúde global. **Revista Brasileira de Enfermagem**, n. 76, v. 3, p. 1-5, 2023, p. 2. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/3pjmsXd7sxJ7pncndR3GqSm/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 11 jan. 2024.

(tina) e injetada (slam), e que vem se espalhando principalmente entre homens que fazem sexo com homens (HSH), causando dependência e demais consequências à vida de usuárixs-praticantes.

Com isso, destaco a importância de um entendimento amplo acerca das práticas de atenção e cuidado que a RD envolve. E a importância da difusão dessas informações de forma a instrumentalizar profissionais da saúde, para que estejam preparadxs para lidar com a diversidade, acolhimento e cuidado dessas vidas, sem preconceitos e julgamentos.

4.2 DESMORALIZAÇÃO DO CUIDADO

No ano de 2022, concluindo minha formação em esquizoanálise na Escola Nômade de Filosofia, com o mestrado em curso, além de outras formações e grupos de estudo voltados à prática clínica, iniciei meus atendimentos, com orientação esquizoanalítica. Logo no início dos trabalhos na clínica, pude perceber algumas questões em comum entre xs clientes que buscaram por meu trabalho. Além da dissidência sexual, de gênero e de pessoas não-brancas, características predominantes nessxs clientes, outra questão me chamou atenção. Ao mesmo tempo que chegaram buscando por um processo terapêutico-analítico, tinham queixas e críticas em elaboração, aos profissionais psi (psicologxs, psicanalistas e psiquiatras) com quem tiveram relações anteriores. Trabalhando com essas pessoas, pudemos perceber rapidamente o quanto questões morais e a falta de habilidade para lidar com minorias sociais, dissidentes à heterocisnorma (branca), são características comuns na prática clínica de profissionais da saúde. Portanto, trata-se de um desfavor que essxs profissionais fazem para comunidade que atendem, ao tentar adaptar essas pessoas a um modo de vida, de relação, na tentativa de adequa-lxs a um modo mais condizente à heterocisnorma, com base em padrões de normatividade social, com frequência relacionados à estigmatização de condutas sexuais.

Junto a isso, pude observar também o quanto questões relacionadas à medicalização da vida, e, à criminalização-marginalização de drogas e seu uso, fazem parte desses tratamentos. E isso, mesmo com tantos indícios de que a medicalização compulsória não traz benefícios, mas sim dependência e outros

problemas, e tampouco a criminalização das drogas faz às pessoas usuárias deixarem de consumi-las. Para lidar com essas questões venho buscando suporte nos estudos e práticas, numa práxis de RD: “fundamentada numa ideia muito simples: minorar o efeito deletério do consumo de drogas”⁸¹. Prática essa que venho considerando fundamental para o cuidado dessas vidas. Seja por questões com drogas ilícitas (no Brasil) como a maconha, cocaína, *poppers*, ketamina, crack, GHB, *crystal*, K7, K9, entre outras, e comercializadas ilegalmente; ou lícitas, como o álcool, ou os fármacos, como Fluoxetina, Sertralina, Rivotril, Zolpidem, Oxycodona, Tadalafila, Viagra etc., comercializadas via recomendação e receita médica. Esses medicamentos e as drogas têm em comum o fato de que causam dependência química-psíquica, e ambas são manipuladas em laboratórios. A diferença entre essas substâncias costuma estar na forma como são comercializadas, se legalmente ou ilegalmente, e o que isso pode produzir.

Entendo que o cuidado e respeito às vidas adoecidas e/ou em dependência, independente de quem sejam, merecem acolhimento. E que, ao contrário do que algumas pessoas pensam, a prática de RD não é uma apologia às drogas, mas sim de acolhimento indiscriminado às pessoas usuárias. E também, que não é contra a psiquiatria, tampouco aos medicamentos psiquiátricos, mas sim de uma prática de saúde a favor da vida, e não da medicalização, internação e abstinência compulsórias, práticas essas naturalizadas *no* e *pelo* sistema de saúde hegemônico, e pelas políticas públicas e privadas. A RD não busca solucionar todos os problemas de dependência, mas sim acolher usuárixs, e desmoralizar o uso. Penso que é pela despretensão que tal experiência expressa seu objetivo: reduzir os danos de experiências que produzem sofrimento. Sem objetivo de se chegar a um utópico “final feliz”, livre da droga. Tampouco abandonar um paciente que não quer ou não consegue deixar de usá-la. Mas, sim, estar *de braços abertos*⁸² a essas pessoas.

⁸¹ LANCETTI, A. **Clínica peripatética**. São Paulo: Hucitec, 2016, p. 77.

⁸² “De braços abertos” foi um programa de Redução de danos, viabilizado pela prefeitura de São Paulo, no centro da cidade: “o Projeto parte do resgate social dos usuários de crack por meio de trabalho remunerado, alimentação e moradia digna, com orientação de intervenção não violenta. Suas diretrizes trazem um novo olhar sobre o dependente químico, que deixou de ser tratado como um caso de polícia e passou a ser encarado como cidadão, com direitos e capacidade de discernimento. O tratamento de saúde é uma consequência das etapas anteriores, e não condição prévia imposta para participar do programa”. SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO.

Estabelecendo, assim, uma outra relação com a substância, mais próxima de uma experiência prazerosa, ou mesmo erótica, do que da abstinência compulsória, ou do uso deletério.

A RD passou a ativar um novo movimento, mesmo que minoritário, de defesa pelo direito ao uso de drogas, não só como um problema de ordem pessoal, mas, sobretudo, como uma afirmação política. Usuários de drogas falando e agindo em nome próprio, criando estratégias de cuidado que incluem a possibilidade de usar drogas, produziram um curto-circuito frente às políticas hegemônicas que tendem a pôr na invisibilidade essas experiências. A RD se tornou uma diretriz na medida em que abre a possibilidade de que os usuários de drogas falem em nome próprio. Essa possibilidade inaugurada constituiu uma perspectiva de análise porque, através dela, podemos nos aproximar dos usuários de drogas e assim acompanhar o que eles dizem, sentem e fazem.⁸³

Para Antônio Lancetti: “As diversas formas de Redução de Danos consistem em inserções na experiência drogada e na expansão de formas coletivizadas de afirmação da vida. Esse é seu encanto”⁸⁴. Com isso, podemos entender que não se trata de uma prática individual, onde cada usuário é responsável por “sua” dependência, mas sim social, trata-se de uma experiência coletiva. Entendemos que xs usuárixs são vítimas de um problema muito maior do que o consumo e a dependência, são vítimas de uma indústria produtora, regida pelo capitalismo, logo, de ampliação e acúmulo de capital financeiro e social, a custo dessas vidas, pois essas indústrias, que além de produzir essas substâncias, produzem também esses usuários. Quando digo indústrias, no plural, refiro-me à indústria farmacêutica, viabilizada pela publicidade e pela medicina, e também à indústria do tráfico ilegal de drogas gerenciada pelos também poderosos que o detém, porém, no mercado ilegal.

Programa “De Braços Abertos” completa um ano com diminuição do fluxo de usuários e da criminalidade na região”. **Prefeitura Municipal da Cidade de São Paulo**, 16 jan. 2015. Disponível em: <https://capital.sp.gov.br/noticia/programa-de-bracos-abertos-completa-um-ano-com>. Acesso em: 11 jan. 2024.

⁸³ SOUZA, T. P. S. Das Práticas em Redução de Danos à Redução de Danos nas Práticas. In: **Redução de Danos: conceitos e práticas. Material Comemorativo dos 30 anos de Redução de Danos no Brasil**. São Paulo: UNIFESP, 2018, pp. 21-22. Disponível em: https://www.tjmt.jus.br/intranet.arg/cms/grupopaginas/105/988/Redu%C3%A7%C3%A3o_de_danos_-_conceitos_e_pr%C3%A1ticas.pdf. Acesso em: 11 jan. 2024.

⁸⁴ LANCETTI, A. **Clínica peripatética**. São Paulo: Hucitec, 2016, p. 82.

4.3 BIOPOLÍTICA TECNOSEXUAL

As mudanças do capitalismo a que vamos testemunhar se caracterizarão não só pela transformação do “sexo”, do “gênero”, da “sexualidade”, da “identidade sexual” e do “prazer” em objetos de gestão política da vida (como Foucault já havia intuído em sua descrição biopolítica dos novos sistemas de controle social), mas também pelo fato de que essa gestão em si mesma será levada à diante por meio das novas dinâmicas do tecnocapitalismo avançado, da mídia global e das biotecnologias. Durante a Guerra Fria, os Estados Unidos investiram mais dólares na pesquisa científica sobre sexo e sexualidade do que qualquer outro país ao longo da história. A aplicação de vigilância e biotecnologias para governar a sociedade civil começou no final da década de 1930: a guerra era o melhor laboratório para moldar o corpo, o sexo e a sexualidade. As técnicas necropolíticas da guerra progressivamente se tornaram indústrias biopolíticas para produção de controle de subjetividades sexuais.⁸⁵

Paul B. Preciado define que vivemos sob a era farmacopornográfica, analisando e relacionando a indústria farmacêutica com o mercado sexual-pornográfico, midiático e a indústria bélica e de guerra, entendendo, assim, que entre eles se faz uma empreitada mercadológica.

Pois, ainda que essas esferas midiática, pornográfica, bélica e farmacêutica pareçam distantes, o autor as aproxima no ponto em que elas se encontram no atual regime capitalista: a produção de um farmacopoder que detêm na indústria farmacêutica os modos de produção e manutenção da saúde, do corpo, do gênero e do trabalho sexual através da mídia. Enquanto “trabalho sexual”, Preciado entende a vivência da sexualidade na modernidade, compreende também o casamento cisheteronormativo como um trabalho sexual, uma vez que a regulação da sexualidade na biopolítica constitui parte do controle dos corpos individuais e do corpo social, de modo que a sexualidade afeta esses corpos em sua disponibilidade para o trabalho e a produção de lucro. Sobre a ascensão da empresa *Playboy*, o autor observa nesse período, em que ela foi criada, nos anos 1950, que isso se deu num contexto social em que “dentro da casa unifamiliar, a mulher se transformava

⁸⁵ PRECIADO, P. **Testo Junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018, p. 27.

em uma trabalhadora não assalariada em tempo integral a serviço do consumo e da (re)produção familiar”⁸⁶.

Desde seu início, nos anos 1950, além da produção de uma sexualidade e da subjetividade sexual regulamentada, “a *Playboy* havia se transformado em uma plataforma de difusão de arquitetura e do design como bens centrais de consumo e da nova cultura popular estadunidense”⁸⁷. Além de funcionar como uma multinacional de produção de sexualidade, instauradora da cisheteronorvatividade, a *Playboy* foi:

um autêntico escritório de produção arquitetônica multimídia, difundindo seu modelo de utopia sexual, pós-doméstica e urbana por meio de uma disseminação midiática sem precedentes, da imprensa até as mansões de Chicago e Los Angeles, passando pelos clubes, os hotéis, as agências de viagens, o merchandising, os programas de televisão, o cinema, o vídeo, a internet e o videogame.⁸⁸

Como bem define o autor, a “*Playboy* se transformaria na primeira pornotopia da era de comunicação de massas”⁸⁹. Instaurando, portanto, todo um modo de produção, consumo e conduta da sexualidade e comportamento social que foram criados e influenciados pela marca. Para Preciado, a *Playboy* tem um papel crucial no que ele chama de passagem do regime disciplinar⁹⁰ de Foucault, para o regime que define como farmacopornográfico. Sendo este um novo regime de controle e de produção de subjetividade, através de tecnologias de controle e manutenção dos corpos, gênero, sexualidade, reprodução e prazer, e da transformação da pornografia em cultura de massa. Diferindo-se, portanto, do capitalismo “puritano” do século XIX, que Foucault havia caracterizado como disciplinador. Segundo o autor, a Segunda Guerra e a naturalização da violência como cultura do corpo, fomentam as transformações biotecnológicas na desarticulação do sujeito disciplinar. Nesse regime “interessam os corpos e seus prazeres, ele tira benefício

⁸⁶ PRECIADO, P. B. **Pornotopia: PLAYBOY e a invenção da sexualidade multimídia**. São Paulo: n-1 edições, 2020, p. 37.

⁸⁷ *Ibid.*, p. 14.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 15.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 13.

⁹⁰ FOUCALT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

do caráter politoxicômano e compulsivamente masturbatório da sociedade moderna”⁹¹.

Sobre os efeitos do pós-guerra, somados ao sucesso da difusão e consumo da *Playboy*, Preciado avalia sobre como “essa subjetividade avariada e pós-traumática virá injetar-se uma nova rede sensorial e emocional facilitada pela economia de consumo e pela cultura do ócio e do entretenimento”⁹², afirmando que a naturalização farmacopornográfica começa na sala de casa. Ou seja, dessa transformação do sexo em um discurso de ócio e de entretenimento, tornando-se um produto-mercadoria⁹³, cooptado pela indústria.

Retomando Foucault, para pensar relações e efeitos sobre a sexualidade, a partir de discursos de saber-poder, e os efeitos sobre os corpos, sexualidade e subjetividade na sociedade,

trata-se de determinar, em seu funcionamento e em suas razões de ser, o regime de poder—saber—prazer que sustenta, entre nós, o discurso sobre a sexualidade humana. Daí o fato de que o ponto essencial (pelo menos, em primeira instância) não é tanto saber o que dizer ao sexo, sim ou não, se formular lhe interdições ou permissões, afirmar sua importância ou negar seus efeitos, se policiar ou não as palavras empregadas para designá-lo; mas levar em consideração o fato de se falar de sexo, quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala, as instituições que incitam a fazê-lo, que armazenam e difundem o que dele se diz, em suma, o “fato discursivo” global, a “colocação do sexo em discurso”. Daí decorre também o fato de que o ponto importante será saber sob que formas, através de que canais, fluindo através de que discursos o poder consegue chegar às mais tênues e mais individuais das condutas. Que caminhos lhe permitem atingir as formas raras ou quase imperceptíveis do desejo, de que maneira o poder penetra e controla o prazer cotidiano.⁹⁴

É nesse território individual, da intimidade, que o biopoder do sexo age, como ferramenta de disciplina dos corpos, e opera, também nesse mesmo território que a farmacopornografia entra em ação enquanto tentáculo do capitalismo neoliberal,

⁹¹ PRECIADO, P. B. **Pornotopia: PLAYBOY e a invenção da sexualidade multimídia**. São Paulo: n-1 edições, 2020, p. 37.

⁹² *Ibid.*, p. 119.

⁹³ Me lembro que para Davi Kopenawa e o povo Yanomami, a sociedade ocidentalizada é difundida por “povo da mercadoria”. In: ALBERT, B.; KOPENAWA, D. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

⁹⁴ FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. 15ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2023, p. 16-17.

usando o território onde antes se destinava a ser disciplinado pelo biopoder, como um território (o sexo) no qual se é possível lucrar, pela via do entretenimento.

Sob o farmacopornopoder, a sexualidade é mercadoria, de consumo e controle; pelo estado, pela igreja, pelo patriarcado, em mercados legais e ilegais, instituídos ou não. Pela tentativa de captura do prazer, seja para adequação à uma conduta mais normativa, pela mídia hegemônica, por exemplo, ou experimentações para aumentar a performance, a fim de dilatar a duração de uma experiência prazerosa, através do uso de substâncias químicas comercializadas em mercados legais ou ilegais; numa lógica em que basta ter dinheiro que se consegue ter mais prazer.

A título de exemplo, para pensar o farmacopornopoder, temos a multinacional Pfizer, que além do destaque dos últimos anos com a produção de vacinas anti-coronavírus em escala planetária, a empresa também é responsável pela produção do Viagra⁹⁵, e mais recentemente na indústria fármaco-cannábica⁹⁶ (maconha), que vem sendo legalizada em diversos países, inclusive no Brasil.

A chegada do Viagra ao mercado brasileiro foi precedida e acompanhada por ostensiva promoção por parte dos meios de comunicação de massa, o que, independentemente das intenções ou jogos de interesses da indústria farmacêutica, contribuiu decisivamente na elaboração de significados sociais em torno do medicamento. Observando as matérias jornalísticas sobre a 'pílula azul', identifica-se rapidamente uma intensa produção discursiva e de imagens sobre corpo e subjetividade moderna. Uma análise social sobre esse fato justifica-se pela incitação ao consumo do remédio propagada pelos jornais e pela normatização do exercício sexual e seu caráter catalisador de problemas e situações sociais contingentes ou não à esfera da sexualidade e da saúde.⁹⁷

⁹⁵ “Citrato de sildenafila ou simplesmente sildenafil é um fármaco que é vendido sob os nomes de Viagra (usado no tratamento da disfunção erétil no homem – impotência sexual) e Revatio (usado no tratamento da hipertensão arterial pulmonar). No caso do Viagra, tem a apresentação de um losango na cor azul niágara”. SILDENAFILA. In: **Wikipédia**, 2024. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sildenafil>. Acesso em: 11 jan. 2024.

⁹⁶ BRUNO, M. Pfizer entra na indústria da Cannabis com aquisição de R\$ 38 bilhões. **Cannabis & Saúde**, 21 dez. 2021. Disponível em: <https://www.cannabisesaude.com.br/pfizer-cannabis-farmaceutica/>. Acesso em: 11 jan. 2024.

⁹⁷ BRIGEIRO, M.; MAKSD, I. Aparição do Viagra na cena pública brasileira: discursos sobre corpo, gênero e sexualidade na mídia. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 1, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/W833yXYhkDj9KmDyyF8j9XC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 jan. 2024.

Informações que nos ajudam a entender sobre esse regime, em que o sexo aparece não só como um dispositivo de regulação, mas também como um catalizador, como diz o autor, de problemas sociais, dentro dessa lógica compulsória de acúmulo de capital sexual, em que ereções são desejáveis a qualquer hora e a qualquer custo. Com Rolnik⁹⁸, podemos entender que o capital sexual funciona como o braço do regime colonial-capitalista, preocupado com acúmulo de capital social, financeiro, narcísico, etc. Ou seja, adequando o corpo, o prazer e a subjetividade à condição de mercadoria.

4.4 TECNOSEXUALIDADEMOLECULAR

isso que me leva a introduzir essa noção de “revoluções moleculares”, que não oponho às revoluções sociais, em sua acepção mais tradicional, mas que me parecem dever ser hoje em dia seu complemento necessário. A mudança não vem obrigatoriamente dos grandes conjuntos socioeconômicos. Todos esses sistemas fogem, vazam por dentro: como sistemas de defesa, mas também como sistemas de mutação. As mutações moleculares não se afirmam sempre em grande escala e dificilmente as identificamos em curto prazo. Nem por isso deixam de existir! Nós não temos mais a mesma relação com a leitura, a escrita, a imagem, o espaço, o sexo, o corpo, a noite, a dor, do que há apenas dez anos! Em todos esses campos mutações profundas e irreversíveis estão em curso. [...] a questão de uma intervenção política no plano social global me parece ter se tornado inseparável de suas conexões com esse plano molecular. Não se trata de construir “nichos ecológicos” ou “ilhas respiráveis” ao lado dos grandes conjuntos sociais, mas, pelo contrário, de fazer com que essas revoluções moleculares (cujos efeitos agregativos são descontínuos, não se inscrevendo nos programas políticos e escapando frequentemente das descrições sociológicas) tenham como resultado a construção de novas máquinas sociais de guerra, que forjarão sua própria superfície de inscrição, que criarão novos tipos de práxis social. A diferença entre essas revoluções moleculares e as antigas formas de revolução é que, antes, tudo convergia na ideologia, no programa, e hoje em dia os modelos mutacionais.⁹⁹

⁹⁸ ROLNIK, S. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetizada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

⁹⁹ GUATTARI, F. **Os anos de inverno 1980-1985**. São Paulo: n-1 edições, 2022, p.158-159.

Penso que podemos perceber a aplicação do pensamento de Guattari, em sua escrita e na sua práxis, aplicando o que ele chama de paradigma estético: da criação, em “estado nascente”. Seu trabalho rompe com padrões estabelecidos socialmente pela produção de conhecimento, especialmente na produção científica dominante. Essa práxis é perceptível em sua escrita, que por muitos é desvalorizada, e consequentemente seu legado, por não se adequar a um padrão científico mais normativo. O autor assume em sua vida e prática de pensamento e de escrita aquilo que dissemina. Abrindo espaço para que usem de sua criação, e desenvolvam as suas próprias, numa espécie de fazer em continuidade. Nessa confluência¹⁰⁰, percebo e procuro tecer relações sincronizando pensamentos, conceitos, numa práxis performativa, porosa e em movimento.

Para ampliar as dimensões das estruturas de dominação regidas pelo guarda-chuva planetário do capitalismo, se faz necessário pensar-agir molecularmente, como propõe Guattari¹⁰¹, para que possamos fomentar conexões e alianças entre minorias sociais, essas, desviantes aos processos de subjetivação massificados. Preciado subverte a tecnosexualidade operada pelo farmacopornopoder ao utilizar dela, para transmutar-se com a auto aplicação de testosterona, ao modo *junkie*, numa auto-drogadição e cooperação entre usuárixs, produzindo o que podemos entender enquanto uma redução de danos diante do farmacopornopoder medicamentoso, adequador de formas de existência. O autor usa desse aparato biotecnológico para transformar e recriar sua existência.

Partindo do princípio de que a pós-pornografia e o pornô desviante já são, para a pornografia, uma RD em relação à pornografia *mainstream*, desejo me debruçar sobre a política de RD em outros âmbitos, correlacionando corpo, erotismo, subjetividade, gênero, saúde, mídia, etc. com o uso de substâncias lícitas e ilícitas e, sobretudo, problematizando o modo como a moral norteia esses usos, e as expressões de vida dissidentes, impedindo que sejam vivenciadas em sua potência erótica, prazerosa.

¹⁰⁰ SANTOS, A. B. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu, 2023.

¹⁰¹ GUATTARI, F. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

Na sociedade em que vivemos, sob influência midiática, parece-me mais aceitável socialmente que uma pessoa em vulnerabilidade pelo uso abusivo de substâncias ilegais seja internada e medicalizada contra a sua vontade para abster-se do uso de substâncias ilícitas, do que se encontre outros caminhos para reduzir os danos. O mesmo acontece com pessoas em sofrimento pela dependência do consumo de pornografia. Motivo para que determinados grupos prezem pelo extermínio e proibição da mesma, considerando a pornografia danosa, como um todo, para sociedade. Portanto, trata-se de uma perspectiva proibicionista e ingênua, que considera que a pornografia pode acabar, ou que o trabalho sexual será extinto. Percebo equivalência às ideias de que usuários devem ficar longe de drogas, numa sociedade que não para de produzi-las; que depende, ao mesmo tempo que produz essxs consumidorxs. De drogas lícitas e ilícitas, assim como precisa de consumidorxs de trabalho sexual, portanto, dxs trabalhadorxs sexuais. Entendo que reduzir os danos tanto para essxs profissionais atuantes na indústria do sexo, como para o público consumidor de trabalho sexual e usuários de drogas seja uma melhor alternativa do que a utopia do extermínio dessas práticas.

Norteadas pela moral normativa, instaurada pela indústria-mídia, essa mesma sociedade que produz adoecimento, culpabiliza pessoas adoecidas por “seu” sofrimento. Seja dependentes químicos, pessoas psicopatologizadas, ou mesmo vítimas de violência sexual. Trago alguns casos de artistas que foram vítimas de exposição e violação após fazerem de seus trabalhos denúncias contra o patriarcado e o sistema vigente. Como exemplos, na arte, retomemos as performances do coletivo Coiote, na *Marcha das Vadias*, em 2013, e *Xereca Satanik*, em 2014, no Rio de Janeiro. Me lembro também de diversos outros casos envolvendo artistas, que produziram denúncias em suas criações, como o coletivo feminista de *anarcofunk* Putinhas Abortadeiras, de Porto Alegre (RS), que realizava denúncias contra patriarcais em suas músicas-performances, e que após viralizadas na mídia, se tornam alvo de perseguições e violências machistas. O mesmo ocorreu com a artista Priscilla Toscano, em São Paulo (SP), que se tornou um marco na onda de viralizações e ataques, por sua performance, juntamente como Desvio Coletivo, onde defecou na imagem do então deputado Jair Bolsonaro, em 2016. Esse trabalho foi feito como uma denúncia após Bolsonaro homenagear

o coronel (torturador) Carlos Alberto Brilhante Ustra¹⁰², durante o processo de *impeachment* (golpe de estado) contra a então presidenta Dilma Rousseff, que foi vítima do coronel-torturador durante a ditadura militar.

Figura 15 – Performance Desvio Coletivo (2016)



Fonte: CANALE, F. Cada integrante do meu grupo escolheu uma foto de um político diferente. *Catraca Livre*, 3 jun. 2020.

Palavras da artista Priscila Toscano, em entrevista após a viralização:

Tive que seguir protocolos de segurança para proteger a minha vida. Recebi ameaças de todos os tipos. Do estupro coletivo à possibilidade de agressão física. Fui perseguida nas redes sociais e por alguns veículos de comunicação, que divulgaram o meu endereço, o local do trabalho, o número do telefone e a placa do carro. De uma hora para outra, experimentei um inferno. Passei por uma perseguição política.¹⁰³

Por essas e outras expressões transgressoras à violência patriarcal, à moral e aos poderes instituídos, podemos entender que a separação entre arte e artista se dissolve em casos em que essas denúncias esbarram no poder soberano da

¹⁰² Bolsonaro cita Ustra no voto pelo impeachment de Dilma Rousseff, 2021. 1 vídeo (1min30). Publicado pelo canal Poder360 no YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/WvN7nYxbH-o>. Acesso em: 11 jan. 2024.

¹⁰³ MAGGIO, S. Priscilla Toscano, a artista que sobreviveu ao ódio das redes sociais. *Metrópoles*, 1 set. 2016. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/tipo- assim/priscilla-toscano-a-artista-que-sobreviveu-ao-odio-das-redes-sociais>. Acesso em: 11 jan. 2024.

norma instituída. Violências essas, reforçadas por gênero, raça, classe e demais formas desviantes de se estar no mundo. Com Guattari, podemos entender que as “revoluções moleculares”, das minorias, não se separam das revoluções sociais. Pelo contrário, se complementam, produzindo, portanto, transformações sociais através da explicitação de suas expressões de denúncia. Para combater os poderes dominantes se faz necessário inventar formas de expressão, e para isso não existem formas pré-estabelecidas – pelo contrário. Se faz necessário pensar, agir e existir de outras formas que não são as que estão postas, que tantas vezes nos adoecem e nos violentam.

Pensar-agir a partir da experimentação dissidente à norma estabelecida, como acontece com as dissidências sexuais e de gênero, pessoas não-brancas, neurodivergentes, etc. enseja um movimento que se aproxima do que Guattari entende como o de uma “revolução molecular”. Isso se dá enquanto alternativa para fissurar esse regime social dominante, que sob suas engrenagens, nos faz repetir padrões intoxicantes como se fosse a forma “normal” de existência, mesmo que o faça na manutenção de um adoecimento contínuo, em que adoecer e reproduzir a norma se confundem.

Trago a revolução de Guattari porque penso que a pornografia desviante, e outros movimentos artísticos-políticos mencionados neste texto, convocam a criação de uma máquina desejante que desloca o corpo, o sexo, o prazer e a subjetividade da maquinaria capitalista, em que estão aprisionados como produtos a serem consumidos-comercializados. Essa explicitação vinda de um corpo dissidente, que defeca sobre a foto de um político conservador, provoca uma fissura na estrutura da norma, porque desloca a denúncia para o território do corpo. Corpo esse que é socialmente normalizado enquanto território de violações: corpos femininos, não-brancos, sexo e gênero dissidentes, etc. Quando esses corpos assumem o lugar de denúncia, não só transtornam o lugar subalterno que foram forçados a ocupar, como produzem denúncias às violências naturalizadas na sociedade.

REVERBERAÇÕES FINAIS

Esta escrita se move pela experiência ética, estética e política, entre cuidado, arte e erotismo, entendendo a potência relacional entre os campos abordados. Nesse processo, venho me orientando por alguns questionamentos: como a produção erótica reverbera em minha prática clínica, e como a prática clínica afeta a produção pornográfica? O quanto as sociedades não ocidentalizadas têm a nos ensinar sobre a vida? Como produzir um relato de si, sem prender-se em si mesmo? Mais do que respostas concretas, venho mirando no movimento, tendo nesses questionamentos, que orientam o meu desejo, a minha trajetória de vida-produção expressa.

É preciso dispersar-se para subverter as práticas de controle estabelecidas, e usar os espaços nos quais o desejo se expressa – como na saúde e na arte – para, com eles, fazer uma ponte com o erotismo e a sexualidade. E com esses movimentos, criar formas de expressão mais éticas e desejantes. Fazer alianças nessa elaboração entre o cuidado, o desejo e a sexualidade, é o que vem viabilizando condições para que o novo possa surgir, produzindo assim, outras combinações, experimentações e sentidos na produção de vida. Os processos de subjetivação têm menos a ver com o individual, do que com a coletividade, com o social. E nisso, aqueles que desviam dos modos pré-determinados pela norma, estão mais preparadxs para a produção de subjetividades que escapam às formas de dominação e manutenção de padrões sociais intoxicantes. Desviar, para mim, é também produzir brechas para explorar novos sentidos na produção de modos de vida, relações, e de conhecimento. Seja através do que chamamos de arte, na academia, nas práticas de cuidado, etc.

Sobre relações entre dissidências, me lembro dos aprendizados nas vivências em comunidades indígenas, algumas aqui relatadas. Afecções que ainda ressoam em minha vida e no meu trabalho. Assim como algumas experiências e experimentações vivenciadas em grupos sexo-gênero dissidentes e entre alianças com pessoas neurodivergentes. Convívios esses, entre minorias sociais, mais preocupadas em vivenciar e expressar singularidades, do que em reproduzir padrões sociocomportamentais instituídos. Com a prática da Redução de Danos,

pude percebê-la enquanto um campo de resistência emergente em meio a uma sociedade marcada por preconceitos, que vem intensificando a vulnerabilidade social das pessoas envolvidas, tanto xs redutorxs, quanto xs beneficiárixs da prática. Estigmas esses, reforçados pela manifestação explícita da sexualidade, aumentando o preconceito que vem assombrando a prática, e as pessoas que com ela estão envolvidas. Assim como acontece quando o tema é trabalho sexual e pornografia.

Venho entendendo o pornô desviante enquanto meio de expressão para corpos e práticas dissidentes, funcionando como uma Redução de Danos à pornografia *mainstream*, e aos modos como as coisas estão postas na sociedade-mídia, por essa indústria. Entendo que produzir alternativas através da pornografia vem sendo uma espécie de produção molecular diante de uma indústria tão poderosa. A busca por produzir fissuras em estruturas coloniais-capitalistas é o que vem me movendo e também o que move esta pesquisa, mesmo que de dentro dessas engrenagens, e tantas vezes pagando um alto preço por isso.

A partir dessas experiências, me lanço ao desafio da realização de uma escrita cartográfica, abordando vivências dissidentes, como as expressões de sexualidade e da pornografia, drogas, e mesmo, a performatividade neurodivergente. Movido pelo desejo de expressar uma experiência pessoal, e também social, é que busco afirmar singularidades, na contramão da maquinaria normativa. Através de movimentos-agenciamentos fronteiriços, se produz um *entre lugares*, entre a micro e a macropolítica, entre o público e privado. Pela possibilidade de friccionar fronteiras, saberes e poderes, pela norma inventados, é que esse *entre lugares* é afirmado nesta pesquisa.

Considero importante dizer sobre o desafio de produzir esse trabalho, seja pelos assuntos abordados, seja pela performatividade como isso se dá. É adequado que o desafio que se coloca a essa escrita seja desdobrado, enquanto um exercício político-narrativo. Venho entendendo enquanto uma emergência o transtorno do instituído. Seja na arte, na pornografia, na mídia, na saúde, nas instituições – onde for – o que está em jogo é esse transtorno, e como nos relacionamos com ele. É pelo cuidado, pela afirmação da vida e pela pluralidade

das formas de existência que este trabalho se coloca no mundo, enquanto desejo de criação de possibilidades de expressão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERT, B.; KOPENAWA, D. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo, Companhia das letras, 2015.

ALZUGARAY, P. Teatro da crueldade. **Celeste**, 08 jan. 2019. Disponível em: <https://select.art.br/teatro-da-crueldade/>. Acesso em: 14 jan. 2024.

ANNIE Sprinkle. Disponível em: <https://anniesprinkle.org/>. Acesso em: 11 jan. 2024.

APÓS postar vídeo com pornografia, Bolsonaro pergunta o que é 'golden shower'. **G1**, 6 mar. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/03/06/apos-postar-video-com-pornografia-bolsonaro-pergunta-o-que-e-golden-shower.ghtml>. Acesso em: 14 jan. 2024.

BATAILLE, G. **O erotismo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BARROS, M. D. R. "**Feministas, teclas e tapas**": uma etnografia virtual sobre feminismos e BDSM. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

BRUNO, M. Pfizer entra na indústria da Cannabis com aquisição de R\$ 38 bilhões. **Cannabis & Saúde**, 21 dez. 2021. Disponível em: <https://www.cannabisesaude.com.br/pfizer-cannabis-farmaceutica/>. Acesso em: 11 jan. 2024.

BRIGEIRO, M.; MAKSDUD, I. Aparição do Viagra na cena pública brasileira: discursos sobre corpo, gênero e sexualidade na mídia. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 1, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/W833yXYhkDj9KmDyyF8j9XC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 jan. 2024.

CANALE, F. Cada integrante do meu grupo escolheu uma foto de um político diferente. **Catraca Livre**, 3 jun. 2020. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/caguei-e-cagaria-novamente-diz-artista-que-defecou-em-cartaz-de-bolsonaro/>. Acesso em: 14 jan. 2024.

CHECA, M. E. P. **Transtornar-se como ato clínico**: uma contraficção de gêneros e sexualidades dissidentes. Dissertação (mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/bitstream/handle/24076/1/Maria%20Eduarda%20Parizan%20Checa.pdf>. Acesso em 11 jan. 2024.

_____. Verter o transtorno contra si mesmo. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, Dossiê Guattari, n. 2, pp. 45-64, 2022.

COCCIA, E. **A vida sensível**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2010.

COMITÊ INVISÍVEL. **Aos nossos amigos**: crise e insurreição. 2a edição. São Paulo: n-1 edições, 2018.

COSTA, P.; NOGUEIRA, F. Da pornochanchada ao Pós-pornô-Terrorismo no Brasil: d'As Cangaceiras Eróticas ao Coletivo Coiote. **Medium**, 24 dez. 2014. Disponível em: <https://medium.com/revista-rosa-5/da-pornochanchada-ao-pos-porno-terrorismo-no-brasil-das-cangaceiras-eroticas-ao-coletivo-coiote-f0f4ab92836>.

Acesso em: 11 jan. 2024.

CRUZ, B. S. Golden shower: Bolsonaro pode ser punido pelo Twitter por vídeo adulto? **Tilt Uol**, 6 mar. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2019/03/06/golden-shower-bolsonaro-pode-ser-punido-pelo-twitter-por-video-com-nudez.htm>. Acesso em: 14 jan. 2024.

DANDAN, Your. SAFEWORD & GESTURE SECURITY: Palavra de segurança & Gestos de segurança | #BdsmDoZero. **Medium**, 19 dez. 2020, documento eletrônico. Disponível em: <https://medium.com/@yourdandan/safeword-gesture-security-palavra-de-seguran%C3%A7a-gestos-de-seguran%C3%A7a-bdsmdozero-afcb22b1a9fc>. Acesso em: 11 jan. 2024.

DELEUZE, G. **Conversações**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

DESVIO COLETIVO. Sobre. **Desvio Coletivo**, 2018. Disponível em: <https://www.desviocoletivo.com.br/about>. Acesso em: 11 jan. 2024.

DONINI, A. A. **Desurdir a Lógica do Gênero**. 2010. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15908/1/ANGELA%20A%20DONINI.pdf>

. Acesso em: 11 jan. 2024.

_____. Outras pornografias. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, n. 16, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cadernossubjetividade/article/view/38535/26194>. Acesso em: 11 jan. 2024.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **A arqueologia do saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. 15ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2023.

_____. **História da Sexualidade II**: o uso dos prazeres. 12ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2023.

_____. **História da Sexualidade III**: o cuidado de si. 10ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2023.

FREUD, S. **Obras completas Volume 6**: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GUATTARI, F. **Revolução molecular**: pulsações políticas do desejo. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

_____. **As três ecologias**. 21ª ed. Campinas: Papirus, 2012.

_____. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____. **Os anos de inverno 1980-1985**. São Paulo: n-1 edições, 2022.

KAC, E. Movimento de Arte Pornô (Movimento de Arte Pornô (Performance “intervenção”, Praia de Ipanema, 1982) DVD da performance 4’43”, preto & branco, som, vídeo. **Tropicuir**, 2024. Disponível em: <https://www.tropicuir.org/obras-corpo/>. Acesso em: 14 jan. 2024.

KRENAK, A. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

_____. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LANCETTI, A. **Clínica peripatética**. 10ª ed. São Paulo: Hucitec, 2016.

MAGALHÃES, T. F. R.; AZEVEDO, M. T. O. As Proposições de Lygia Clark e suas Ressonâncias nas Instituições Artísticas. **Porto Arte**, v. 26, n. 46, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/article/view/118745>. Acesso em: 14 jan. 2024.

MAGGIO, S. Priscilla Toscano, a artista que sobreviveu ao ódio das redes sociais. **Metrópoles**, 1 set. 2016. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/tipo-assis/priscilla-toscano-a-artista-que-sobreviveu-ao-odio-das-redes-sociais>. Acesso em: 11 jan. 2024.

OMS, C. A pornografia é uma fome, podemos saciá-la com um banquete, ou um salgadinho. **Revista Az Mina**, 23 nov. 2015. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/a-pornografia-e-uma-fome-podemos-sacia-la-com-um-banquete-ou-um-salgadinho/>. Acesso em: 11 jan. 2024.

PRECIADO, P. B. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014.

_____. O que é a contrassexualidade? **Territórios de Filosofia**, 5 mai. 2015. Disponível em: <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2015/05/05/o-que-e-a-contrassexualidade-paul-beatriz-preciado/>. Acesso em: 14 jan. 2024.

_____. **Pornotopia**: PLAYBOY e a invenção da sexualidade multimídia. São Paulo: n-1 edições, 2020.

_____. **Testo Junkie**: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

REDUÇÃO de Danos: conceitos e práticas. Material Comemorativo dos 30 anos de Redução de Danos no Brasil. São Paulo: UNIFESP, 2018. Disponível em: https://www.tjmt.jus.br/intranet.arq/cms/grupopaginas/105/988/Redu%C3%A7%C3%A3o_de_danos_-_conceitos_e_pr%C3%A1ticas.pdf. Acesso em: 11 jan. 2024.

ROCHA, P. Roberta Close. **Inside Playboy Brasil**, ed. 108, jun. 1984. Disponível em: <https://insideplayboybr.wixsite.com/ipbr/post/roberta-close-junho-1984>. Acesso em: 14 jan. 2024.

ROLNIK, S. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SANTOS, A. B. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu, 2023.

SANTOS, D. M. **As travestis no cinema da boca do lixo e na pornografia digital**. 2019. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11583>. Acesso em: 11 jan. 2024.

SCHIAVON, J. P. **Pragmatismo pulsional**: clínica psicanalítica. São Paulo: n-1 edições, 2019.

SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO. Programa “De Braços Abertos” completa um ano com diminuição do fluxo de usuários e da criminalidade na região. **Prefeitura Municipal da Cidade de São Paulo**, 16 jan. 2015. Disponível em: <https://capital.sp.gov.br/noticia/programa-de-bracos-abertos-completa-um-ano-com>. Acesso em: 11 jan. 2024.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Encantamento**: sobre políticas de vida. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

SOUSA, A. F. L.; CAMARGO, E. L. S.; MENDES, I. A. C. Chemsex e suas repercussões na saúde de homens que fazem sexo com homens: uma perspectiva de saúde global. **Revista Brasileira de Enfermagem**, n. 76, v. 3, pp. 1-5, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/3pjmsXd7sxJ7pncndR3GqSm/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 11 jan. 2024.

SOUZA, T. P. S. Das Práticas em Redução de Danos à Redução de Danos nas Práticas. In: **REDUÇÃO de Danos: conceitos e práticas. Material Comemorativo dos 30 anos de Redução de Danos no Brasil**. UNIFESP, pp. 21-22. Disponível em: https://www.tjmt.jus.br/intranet.arq/cms/grupopaginas/105/988/Redu%C3%A7%C3%A3o_de_danos_-_conceitos_e_pr%C3%A1ticas.pdf. Acesso em: 11 jan. 2024.

SPINOZA, B. **Ética**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

WILLIAMS, L. Uma agente provocadora: a pornografia e a arte da performance de Annie Sprinkle. **Performatus**, ed. 17, ano 5, n. 17, jan. 2017. Disponível em: <https://performatus.com.br/traducoes/annie-sprinkle/>. Acesso em: 11 jan. 2024.

WIKIPÉDIA, 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal. Acesso em: 14 jan. 2024.

ZIHLMANN, K. F. Redução de Danos e IST/HIV/Hepatites. In: **REDUÇÃO de Danos: conceitos e práticas. Material Comemorativo dos 30 anos de Redução de Danos no Brasil**. UNIFESP, p. 31. Disponível em: https://www.tjmt.jus.br/intranet.arq/cms/grupopaginas/105/988/Redu%C3%A7%C3%A3o_de_danos_-_conceitos_e_pr%C3%A1ticas.pdf. Acesso em: 11 jan.

2024.

REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

ANARKOFUNK - Album completo, 2013. 1 vídeo (1h19min33). Publicado pelo canal KFH Powerciolence no **YouTube**. Disponível em: <https://youtu.be/fWmjnhEl4qA>. Acesso em: 11 jan. 2024.

BOLSONARO cita Ustra no voto pelo impeachment de Dilma Rousseff, 2021. 1 vídeo (1min30). Publicado pelo canal Poder360 no **YouTube**. Disponível em: <https://youtu.be/WvN7nYxbH-o>. Acesso em: 11 jan. 2024.

EDIYPORN: pornô desviante. Disponível em: <https://www.ediyporn.com/>. Acesso em: 11 jan. 2024.

FÉLIX GUATTARI: A ERA PÓS-MÍDIA. SUBJETIVIDADE E MASSMÉDIA/MEIOS DE COMUNICAÇÃO (1991), 2023. 1 vídeo (14min3). Publicado pelo canal CLINICANDO - PSICANÁLISE E ESQUIZOANÁLISE no **YouTube**. Disponível em: <https://youtu.be/h5R84HAZwEY>. Acesso em: 11 jan. 2024.

LABMais Imagens Indígenas, 2022. 5 vídeos. Publicado pelo canal Sesc Guarulhos no **YouTube**. Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PL8_-6Qp9E8X6ICijo0piozRVroW1JF3C5. Acesos em: 11 jan. 2024.

LABMais Imagens Indígenas - Imagens indígenas, 2022. 1 vídeo (13min50). Publicado pelo canal Sesc Guarulhos no **YouTube**. Disponível em: https://youtu.be/Ftadh7P2wcU?list=PL8_-6Qp9E8X6ICijo0piozRVroW1JF3C5. Acesos em: 11 jan. 2024.

MI sexualidad es una creación artística_mp4, 2017. 1 vídeo (46min20). Publicado pelo canal Anarquia Coroadá no **YouTube**. Disponível em: <https://youtu.be/rCqBvIHLvWs>. Acesso em: 11 jan. 2024.

SEXO dos Anormais. Direção: Alfredo Sternheim. Brasil, 1984. (1h20).

TUPINIKUIRS. Direção: Jeffe Grochowski. Brasil. 2016. (15 min). **EdiyPorn**. Disponível em: https://www.ediyporn.com/posts_diversos/tupinikuir/. Acesso em: 11 jan. 2024.